

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf CARLOS LUIZ SILVA GUSMÃO

**O PELOTÃO DE RECONHECIMENTO EM MONTANHA COMO ELEMENTO
DETERMINANTE NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO- TERRENO- CONDIÇÕES
METEOROLÓGICAS- INIMIGO- CONSIDERAÇÕES CIVIS (PITCIC) NAS
OPERAÇÕES EM MONTANHA**

Rio de Janeiro

2022

Cap Inf CARLOS LUIZ SILVA GUSMÃO

**O PELOTÃO DE RECONHECIMENTO EM MONTANHA COMO ELEMENTO
DETERMINANTE NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO- TERRENO- CONDIÇÕES
METEOROLÓGICAS- INIMIGO- CONSIDERAÇÕES CIVIS (PITCIC) NAS
OPERAÇÕES EM MONTANHA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de
Aperfeiçoamento de Oficiais, como
requisito parcial para a obtenção do
grau de especialização em Ciências
Militares.

Orientador: Cap Inf Anderson **Cortat**
Rocha

Rio de Janeiro

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Francisco José de Paula Junior
CRB7/6686

G982

Gusmão, Carlos Luiz Silva.

O pelotão de reconhecimento em montanha como elemento no processo de integração terreno, condições meteorológicas, inimigo, considerações civis nas operações em montanha / Carlos Luiz Silva Gusmão – 2022.

48 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2022.

Orientação: Cap. Anderson Cortat Rocha

1. Pelotão. 2. Operações. 3. Montanha. I Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. II Título.

CDD: 355



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO E PESQUISA/ CURSO DE INFANTARIA

Ao Capitão de Infantaria **CARLOS LUIZ SILVA GUSMÃO**

O Presidente da Comissão de Avaliação do TCC, cujo TÍTULO é O PELOTÃO DE RECONHECIMENTO EM MONTANHA COMO ELEMENTO DETERMINANTE NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO-TERRENO-CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS-INIMIGO-CONSIDERAÇÕES CIVIS (PITCIC) NAS OPERAÇÕES EM MONTANHA, informa à Vossa Senhoria o seguinte resultado da deliberação: **APROVADO** com o conceito **MUITO BOM**.

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2022

VINÍCIUS VALVERDE ANDRIES - Maj

Presidente

IVSON BARBOSA MARINHO - Cap

1º Membro

ANDERSON CORTAT ROCHA - Cap

2º Membro

CIENTE: _____

CARLOS LUIZ SILVA GUSMÃO - Cap

Postulante

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor Pai, pelo dom da vida, pela resiliência nos momentos de dificuldade e pela saúde que me permite continuar buscando o conhecimento e aprendendo cada vez mais.

Aos meus pais, Elize e Carlos, e a meu Tio Pinheiro por todo o exemplo, educação e amor que me deram ao longo da vida, torcendo sempre para meu sucesso.

À minha esposa Jéssica, meu amor, pelo apoio, sem o qual seria impossível realizar um trabalho nesse nível.

À minha amiga Prof.^a Dra. Daiane, que compartilhou todo seu conhecimento e me direcionou da melhor forma no mundo acadêmico.

Aos 32 companheiros e amigos Guias de Montanha, Forças Especiais e Precursores Paraquedistas que compartilharam suas experiências na carreira dentro das operações não-convencionais nas respostas do questionário. Sem sua colaboração, não seria possível chegar a esse resultado.

RESUMO

A utilização do Pelotão de Reconhecimento em Montanha pode ser de grande valia durante o planejamento e execução das operações ofensivas, no entanto seu emprego ainda é restrito diante da falta de informação e padronização de procedimentos. Diante disto, o presente trabalho objetivou-se a entender como o Pelotão de Reconhecimento do Batalhão de Infantaria de Montanha pode contribuir com o processo de integração terreno, condições meteorológicas, inimigo e considerações civis (PITCIC). Para esse fim, realizou-se uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório com militares que possuam a especialidades em operações de montanha. A metodologia utilizada consistiu em um questionário com perguntas abertas e optativas. Os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciaram o ganho na capacidade de detecção de ameaças com o emprego do relatório de reconhecimento. Desta forma, concluiu-se que o relatório de reconhecimento de montanha da forma que é feito atualmente tem condições de ser empregado satisfatoriamente para o objetivo de prestar um assessoramento eficaz nas operações executadas pelo Exército Brasileiro.

Palavras-chave: PITCIC. Patrulha de Reconhecimento. Montanha. Operações ofensivas. Guia de montanha.

ABSTRACT

The use of the Mountain Reconnaissance Platoon can be of great value during the planning and execution of offensive operations; however its use is still restricted due to the lack of information and standardization of procedures. In view of this, the present work aimed to understand how the Reconnaissance Platoon of the Mountain Infantry Battalion can contribute to the process of terrain integration, weather conditions, enemy and civil considerations (PITCIC). To this end, exploratory qualitative research was carried out with military personnel who have specialties in mountain operations. The methodology used consisted of a questionnaire with open and elective questions. The results obtained in this research evidenced the gain in the ability to detect threats with the use of the reconnaissance report. In this way, it was concluded that the mountain reconnaissance report in the way it is currently done is capable of being used satisfactorily for the purpose of providing effective advice in operations carried out by the Brazilian Army.

Keywords: PITCIC. Reconnaissance Patrol. Mountain. Offensive operations. Mountain guide.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Exemplo de operação ofensiva.....	18
FIGURA 2 – O ambiente de emprego da Inteligência.....	24
FIGURA 3- Fases do PITCIC	25
FIGURA 4- Especialização dos militares participantes da pesquisa.....	32
FIGURA 5- Função desempenhada pelos participantes da pesquisa.....	33
FIGURA 6- Resposta dos participantes quanto a utilização do relatório de reconhecimento em montanha em missão real ou adestramento.....	33
FIGURA 7- Opinião dos participantes sobre a coerência dos relatórios com o demandado na doutrina das operações em montanha.....	34
FIGURA 8- Opinião dos participantes sobre as informações contidas no relatório serem claras e atualizadas.....	34
FIGURA 9- Opinião dos participantes sobre a influência das atualizações em futuras operações	35
FIGURA 10- Opinião dos participantes sobre a utilização do relatório no planejamento de itinerário	35
FIGURA 11-Opinião dos participantes sobre o uso do relatório para visualização do terreno	36
FIGURA 12- Opinião dos participantes quanto a contribuição do relatório no planejamento do itinerário	36
FIGURA 13- Importância do relatório de reconhecimento no PITCIC.....	37
FIGURA 14- Opinião dos participantes quanto à importância do relatório de reconhecimento com o PITCIC	37

FIGURA 15- Opinião dos participantes quanto à contribuição do relatório de reconhecimento no processo de tomada de decisão	38
FIGURA 16- Opinião dos participantes sobre a necessidade constante de atualização das informações.....	38
FIGURA 17- Composição do relatório.....	42
FIGURA 18- Folha de identificação de pontos	43
FIGURA 19- Folha de cálculo do itinerário	43
FIGURA 20- Perfil de marcha	44
FIGURA 21- Folha de marcha.....	44
FIGURA 22- Folha de descrição de Loc Ater	45
FIGURA 23- Folha de descrição das condições metereológicas	46
FIGURA 24- Modelo de calco	46
FIGURA 25- Situações operativas	49
FIGURA 26- Aspectos tratados no relatório de patrulha.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. PROBLEMA	10
1.1.1 Antecedentes do Problema	11
1.1.2 Formulação do Problema	11
1.2 OBJETIVOS.....	12
1.2.1 Objetivo Geral.....	12
1.2.2 Objetivos Específicos	12
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO	12
1.4 JUSTIFICATIVA.....	13
2. REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1. RELEVO MONTANHOSO NO BRASIL.....	15
2.2. OPERAÇÕES MILITARES.....	16
2.2.1 Operações de Montanha.....	20
2.2.2 Pelotão de Reconhecimento em Montanha.....	22
2.2.3 Relatório de Reconhecimento em Montanha	23
2.3 PROCESSO DE INTEGRAÇÃO TERRENO- CONDIÇÕES METEREOLÓGICAS- INIMIGO- CONSIDERAÇÕES CIVIS (PITCIC)	25
3. METODOLOGIA	27
3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO	27
3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	28
3.3 AMOSTRA	28
3.4 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DA LITERATURA	29
3.5 INSTRUMENTOS	30
3.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	30
4. RESULTADOS	32
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
6 CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO	57

1. INTRODUÇÃO

Historicamente sabe-se que a força, atacante ou defensora, que domina as alturas do campo de batalha tem uma vantagem muito maior sobre seu oponente. Essa vantagem é possibilitada principalmente pelo bom conhecimento do terreno, e é por esse motivo que os grandes comandantes militares sempre precisaram fazer um uso judicioso do terreno para que não fossem subjugados. Com isso, a busca do conhecimento acerca daqueles fatores que independem da ação do homem (terreno e condições meteorológicas) aumentou significativamente, dando especial atenção a aqueles elementos que sabem entendê-los e utilizá-los. Esses elementos construíram seu conhecimento a respeito de tais fatores se valendo de ferramentas que hoje são indissociáveis do combate, sendo o reconhecimento uma dessas ferramentas.

Sabe-se, ainda, que alguns ambientes operacionais em especial apresentam características mais latentes, onde um estudo mais pormenorizado faz-se necessário. Um exemplo desse tipo de ambiente é a montanha.

A doutrina militar de emprego de uma força em região montanhosa não difere, em sua essência, daquela preconizada para o terreno convencional. Ela sofre, entretanto, algumas adaptações, que as características do ambiente operacional impõem, características essas que devem ser usadas como vantagens (BRASIL, 2020, p. 3).

Deve-se ressaltar que uma cadeia montanhosa por si só não deve ser encarada como um objetivo militar, haja visto que nela a vida não se desenvolve com facilidade. Por isso, elas devem ser encaradas como objetivos intermediários, uma vez que de suas alturas pode-se dominar vales que muitas vezes são permeados por rodovias e cursos d'água que contribuem com a logística de ambos os lados. Cabe ainda lembrar que por suas características topográficas, tal ambiente operacional sofre um estudo ainda mais especializado para ser mais bem compreendido e utilizado, sendo necessária a utilização de especialistas para seu entendimento.

Apesar de atualmente o Exército Brasileiro ter maestria na formação de tais especialistas - os guias de montanha - sua utilização ainda é pouco compreendida nos manuais, pois muitos procedimentos essenciais ao seu emprego não são adotados. Um desses procedimentos é justamente a necessidade de o escalão superior entender o melhor momento para se valer de um reconhecimento, ou seja,

entender que precisa ser feito um reconhecimento antes mesmo da tropa precisar ser empregada. A ferramenta adotada pelos guias de montanha para entender melhor sobre uma determinada região é o Relatório de Reconhecimento em Montanha, o qual difere em vários aspectos de um relatório de reconhecimento mais comumente utilizado pelos Batalhões de Infantaria. Já que a patrulha de reconhecimento visa fazer um estudo minucioso sobre uma determinada região, é importante que esse não seja feito poucos dias antes da operação ocorrer, e sim tais reconhecimentos se tratar de atividades recorrentes das organizações militares dessa natureza.

Uma vez compreendido que se precisa de um tempo hábil para fazer tal reconhecimento, é necessário salientar que para uma operação transcorrer, o oficial de inteligência da organização militar (OM) precisará realizar um processo para integrar o terreno, as condições meteorológicas, o inimigo e as considerações civis a cerca daquela região. Para tal, ele se valerá do pelotão de reconhecimento do Batalhão de Infantaria Leve de Montanha – tropa composta essencialmente por guia de montanha.

O foco principal da pesquisa é que organizações militares não especializados em ambiente operacional de montanha possam se valer desta ferramenta para o melhor emprego dos pelotões de reconhecimento, com a finalidade de prover um assessoramento ainda mais assertivo num contexto de operações ofensivas. Diante disso, não haveria tempo perdido ou esforços com pouco significado decorrentes de um reconhecimento incapaz de levantar os dados concretos do ambiente onde se opera.

1.1. PROBLEMA

Na grande maioria dos adestramentos realizados em Ambiente Operacional de Montanha, o processo de integração terreno, condições meteorológicas, inimigo e considerações civis é realizado apenas com base em banco de dados e análise de fontes diversas, sem antes ter sido feito um reconhecimento “*in loco*” pela tropa mais apta a fazê-lo –o Pelotão de Reconhecimento do Batalhão de Infantaria de Montanha–. Desta forma, muitas informações não se apresentam atualizadas o

suficiente para contribuir de maneira mais assertiva para a decisão do comandante; quando seria possível utilizar uma peça de manobra nobre da Brigada de Montanha em sua principal finalidade, que é reconhecer. Conjuntamente, não basta apenas saber realizar essa missão na teoria, convém torná-la mais prática, com um relatório de reconhecimento totalmente encaixado com os produtos do PITCIC; assim como possuir as informações sempre o mais atualizadas possível.

1.1.1 Antecedentes do Problema

Apesar da crescente importância dada ao emprego do Pelotão de Reconhecimento do Batalhão de Infantaria leve de Montanha nos últimos anos, demonstrada pelo desenvolvimento do trabalho de elaboração de manuais sobre o emprego da Brigada de Infantaria Leve de Montanha em operações, bem como os relativos às suas Unidades e frações integrantes, o número de trabalhos e pesquisas acerca do tema é diminuto. Com base em uma pesquisa de levantamento de antecedentes científicos que justificassem esta pesquisa, verificou-se apenas a existência de trabalhos que abordassem as possibilidades e limitações do Pelotão de Reconhecimento em Montanha no monitoramento de RIPI (PESTANA, 2019); o emprego do Batalhão Logístico Leve orgânico da Brigada de Infantaria Leve (Montanha) em Operações Ofensivas (STORTI, 2019), no entanto, nenhum relacionado ao tema desta pesquisa.

1.1.2 Formulação do Problema

Diante disso, no sentido de orientar a pesquisa com relação à contribuição do Relatório de Reconhecimento para com o processo de integração terreno, condições meteorológicas, inimigo e considerações civis (PITCIC), foi formulado o seguinte questionamento: “De que forma o Pelotão de Reconhecimento do Batalhão de Infantaria de Montanha pode auxiliar no contexto das operações ofensivas?”

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Descrever como o Pelotão de Reconhecimento do Batalhão de Infantaria de Montanha, por meio do Relatório de Reconhecimento, pode contribuir com o processo de integração terreno, condições meteorológicas, inimigo e considerações civis (PITCIC).

1.2.2 Objetivos Específicos

Com a finalidade de delimitar e alcançar o desfecho esperado para o objetivo geral, foram levantados objetivos específicos para consecução do objetivo deste estudo, os quais são transcritos abaixo:

- Conhecer o emprego do guia de montanha;
- Conceituar o processo de integração terreno, condições meteorológicas, inimigo e considerações civis (PITCIC);
- Conhecer um Relatório de Reconhecimento em Montanha elaborado por um guia de montanha;
- Verificar o melhor momento para lançar uma patrulha de reconhecimento no contexto das operações ofensivas;
- Propor um modelo de relatório de reconhecimento em montanha;

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

Para atingir o objetivo proposto e, de acordo com o problema e justificativa expostos anteriormente, levantou-se as seguintes questões de estudo:

- a) Como é realizado o emprego do guia de montanha?
- b) O que é o processo de integração terreno-condições meteorológicas-inimigo-considerações civis (PITCIC)?
- c) Como é feito um relatório de reconhecimento em montanha?
- d) Qual o melhor momento para lançar uma patrulha de reconhecimento mobiliada por um pelotão de reconhecimento do batalhão de infantaria leve de montanha dentro das operações ofensivas?
- e) Quais dados são necessários para compor um relatório de reconhecimento em montanha?

1.4 JUSTIFICATIVA

A capacidade de compor a Força Expedicionária, desde a II Guerra Mundial, sempre esteve atrelada a capacidade dissuasória que o Exército Brasileiro busca. Isso, somado à sua crescente importância no cenário regional como potência líder na América do Sul, e no cenário mundial como potência influenciadora no concerto das nações, reforçam a ideia constante como Ação Estratégica de Defesa (AED) número 63 na Política Nacional de Defesa (PND), onde evidencia-se a necessidade de incrementar a capacidade expedicionária, com foco na presteza e na permanência.

Ressalta-se ainda o recente conflito em 2020 onde duas nações soberanas, Armênia e Azerbaijão, confrontaram-se no Cáucaso contestando o território de Nagorno-Karabakh – região autodeclarada independente dos dois países e totalmente encrustada por montanhas –, reforçando ainda mais a importância de desenvolver e dominar as técnicas e táticas utilizadas nas operações em montanha. Uma vez que para alcançar esta AED, seria necessário que o Brasil tivesse capacidade de se projetar em qualquer região do seu entorno.

Com isso, cresce a necessidade do aprimoramento das diversas técnicas, táticas e procedimentos (TTP) utilizados em ambiente operacional de montanha. A integração entre essas TTP e as formas de assessoramento ao escalão superior

contribui de forma ímpar também para a alimentação aos bancos de dados utilizados em operações. Por isso, a definição do momento mais propício para o emprego do Pelotão de Reconhecimento a fim de obter dados suficientes para comporem o PITCIC é de extrema importância no planejamento das operações. Durante o reconhecimento realizado pelo pelotão, algumas informações resultantes dele podem contribuir de sobremaneira para o estudo do terreno no processo de integração. As informações coletadas são componentes essenciais no relatório de reconhecimento em montanha.

Em suma, o lançamento da patrulha habilitada para realização de tal ação juntamente com a proposição de um relatório que contemple todas as informações julgadas indispensáveis na operação trarão grandes benefícios para o planejamento e execução de operações ofensivas.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. RELEVO MONTANHOSO NO BRASIL

Ainda existe muita dúvida quanto a utilização da terminologia “montanha” para os movimentos tectônicos que existem no Brasil, porém, quando analisada a literatura específica e trabalhos mais recentes, chega-se à conclusão de que tal indagação não encontra base. Talvez parte desse entendimento errado se dê quando é feita comparação com movimentos mais destacados, como a Cordilheira do Himalaia, na Ásia, as regiões alpinas na Europa, ou até a Cordilheira dos Andes na América do Sul.

Na América do Sul, as grandes montanhas estão localizadas ao longo da Cordilheira dos Andes, cuja evolução geológica e soerguimento ocorreu ao longo dos últimos 65 milhões de anos, durante os períodos Terciário e Quaternário da história geológica da Terra. As antigas cadeias montanhosas no Brasil encontram-se muito desgastadas pelas várias fases erosivas ocorridas, mas ainda guardam aspectos serranos em grandes extensões (ROSS, 1996). Porém, como pode-se verificar, tais movimentos de maior expressão se apresentam desta forma em nossa era devido a sua história ser mais recente do que aquelas apresentadas em território brasileiro.

A epirogênese, durante a Era Cenozoica, soergueu a plataforma sul-americana, reativou os falhamentos e produziu montanhas de blocos falhados, como as das serras do Mar e da Mantiqueira. De fato, elas formam escarpas delimitando áreas planálticas, mas em todas, o modelado é de montanhas (SARTORI & SARTORI, 2004).

As montanhas podem ser classificadas de várias formas distintas a depender do objetivo pretendido. Para Faria (2005), as montanhas podem ser classificadas levando-se em consideração diversos critérios como: origem geológica; altura; forma; efeitos da altitude na população humana, entre outras. Para Kapos et al., (2000), os ambientes de montanha são definidos pelos critérios de altitude, relevo relativo e declividade, sendo que acima de 2.500 metros é considerada apenas altitude. Já a classificação militar leva em consideração as influências provocadas pela alteração de inclinação, de vegetação e climáticas sobre o emprego técnico e tático das tropas

em operações. Dessa forma, considera-se Mth qualquer elevação com mais de 500 metros de altitude, podendo ser picos isolados, colinas simples, serras ou cordilheiras (BRASIL, 2020).

O que se deve levar em consideração, no caso brasileiro, é a localização das cadeias montanhosas, caracterizando-se principalmente por delimitar grandes planaltos do território, desta forma, não se apresentando em faixas fronteiriças. “no território brasileiro aparecem montanhas no tipo de relevo de regiões topográficas, correspondendo às áreas das serras do Mar, da Mantiqueira e do Espinhaço, representadas na escala utilizada pelo autor em função das suas dimensões espaciais” (SARTORI & SARTORI, 2004, p. 12).

As principais montanhas brasileiras situam-se ao longo das serras localizadas nas áreas de planaltos e apresentam origens e altitudes variadas que atingem até 3.000 metros. No Brasil, as montanhas mais altas estão situadas nas áreas de planaltos. Se não impressionam pela altura, elas valem, sim, pela beleza de suas formas e pela rica biodiversidade à sua volta, em função do clima atual em que estão inseridas (SARTORI & SARTORI, 2004).

Concluindo assim que é permanente classificar algumas regiões do relevo brasileiro como montanha, e devido a suas características bem singulares, cresce a importância de serem estudadas e consideradas para as operações militares.

2.2. OPERAÇÕES MILITARES

Alguns conceitos básicos dentro do Exército Brasileiro serão de suma importância para melhor entendimento do que será pesquisado, e principalmente, da real necessidade de realização dessa pesquisa. Em diversas situações, reais ou em adestramento, são observadas algumas falhas, as quais caso não existissem, poderiam alterar de sobremaneira os resultados alcançados, principalmente no adestramento. Mas para se chegar ao objetivo principal da pesquisa, que é gerar um produto mais completo do reconhecimento feito por esta fração especializada é necessário o que é uma operação militar:

Operação militar é o conjunto de ações realizada com forças e meios militares, coordenadas em tempo, espaço e finalidade, de acordo com o estabelecido em uma diretriz, plano ou ordem para o cumprimento de uma atividade, tarefa, missão ou atribuição. É realizada no amplo espectro dos conflitos, desde a paz até o conflito armado/guerra, passando pelas situações de crise, sob a responsabilidade direta de autoridade militar competente (BRASIL, 2017, p. 2-1).

Com a evolução da guerra, atingir ou cumprir os objetivos acima citados tornou-se cada vez mais complexo, principalmente considerando um ambiente com ameaças cada vez mais difusas e não determinadas. Desta forma, aumenta-se a importância do melhor entendimento do ambiente operacional, uma vez que no passado se dava uma importância maior apenas para a dimensão física, analisando apenas terreno, condições meteorológicas e afins, na atualidade, as dimensões humana e informacional aumentaram sua influência no teatro de operações (TO).

Em consequência, as forças militares, devem realizar suas ações com relativa proteção blindada e acurada precisão. Devem dispor de capacidades específicas, ser dotadas de meios com alta tecnologia agregada, de armas de letalidade seletiva e que permitam uma rápida e precisa avaliação de danos, combinados com meios de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (BRASIL, 2017, p. 2-3).

Em virtude disso, a especialização mostra-se cada vez mais presente e necessária na arte da guerra, uma vez que a precisão e suas consequências para evitar os efeitos colaterais é cada vez mais demandada. De acordo com o Manual de Operações (BRASIL, 2017, p. 2-5) “a incorporação de novas tecnologias, condicionando novas táticas, técnicas e procedimentos (TTP), orienta a concepção das operações militares, podendo acarretar a diminuição dos efetivos empregados e a ampliação do campo de batalha”. Porém, tudo isso exemplifica a evolução dos conflitos tangendo principalmente os níveis políticos e estratégicos, uma vez que para atingir essas capacidades citadas anteriormente é preciso um empenho externo à Força Terrestre, já que o investimento em material e capital humano é ainda mais necessário.

Com isso, trazendo para o nível tático, o qual essa pesquisa se propõe a focar, faz-se necessário o entendimento dos tipos de operações e como elas se caracterizam. A pesquisa focará na classificação quanto a finalidade da operação, desta forma podendo ser Operações Básicas ou Operações Complementares. Dentro

das Básicas, deve-se considerar aquelas que são utilizadas em situação de guerra, assim sendo, as Operações Ofensivas e Operações Defensivas.

As operações ofensivas (Op Ofs) são operações terrestres agressivas nas quais predominam o movimento, a manobra e a iniciativa, para cerrar sobre o inimigo, concentrar poder de combate superior, no local e no momento decisivo, e aplicá-lo para destruir ou neutralizar suas forças por meio do fogo, do movimento e da ação de choque. Obtido sucesso, passa-se ao aproveitamento do êxito ou à perseguição (BRASIL, 2017, p. 3-1).

Um exemplo de operação ofensiva pode ser observado na Figura 1.

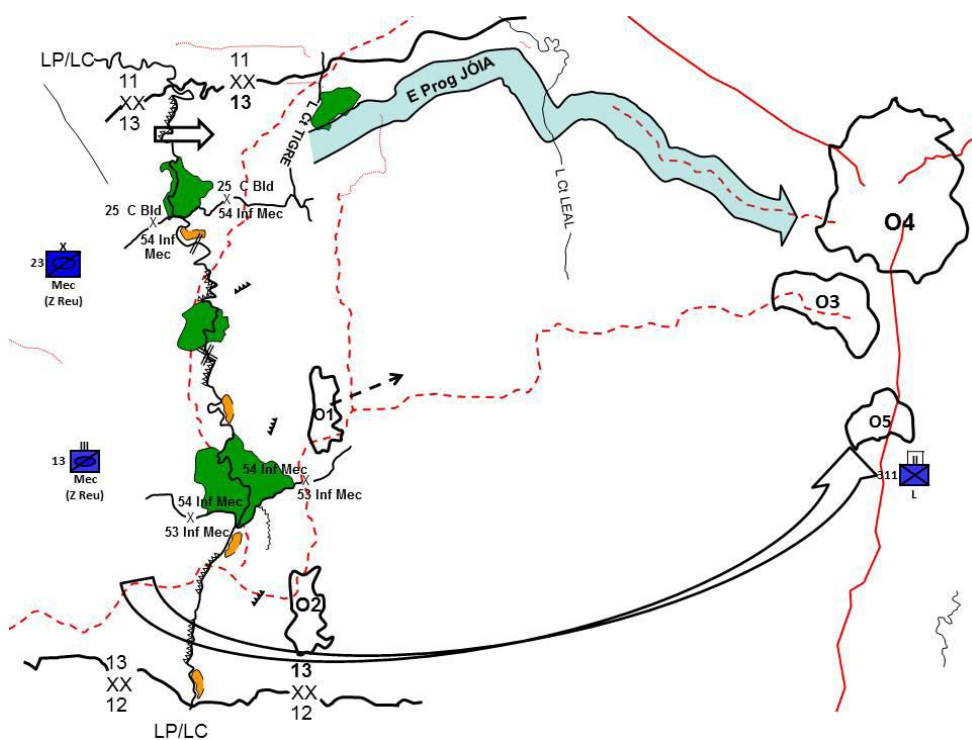


FIGURA 1 - Exemplo de operação ofensiva
Fonte: BRASIL (2017)

Nela é possível observar o desenrolar de algumas formas de manobra acontecendo ao mesmo tempo. Destaca-se na parte superior da referida figura a forma de manobra infiltração destacada em azul, foco desta pesquisa. É importante ressaltar, que apesar de não ficar tão evidente na imagem, para esta forma de manobra funcionar nas melhores condições, o terreno por onde ela se desenvolve precisa ser de difícil acesso, tornando uma surpresa para o inimigo vir tropas por ali.

A principal forma de manobra de uma operação ofensiva a ser tratada na pesquisa será a Infiltração, uma vez que devido a sua natureza de passar por território

inimigo sem ser notado, torna esta forma a mais sigilosa, tendo como fundamento a concentração do poder de combate, porém em território hostil.

A Infiltração é a forma de manobra tática ofensiva onde uma força é desdobrada à retaguarda de uma posição inimiga por meio de um deslocamento dissimulado, com a finalidade de cumprir missão que contribua diretamente para o sucesso de uma manobra do escalão enquadrante da força infiltrante (BRASIL, 2015, p. 2-11).

Para isso, é importante observar outro fundamento essencial para o êxito de uma Infiltração, que é o esclarecimento da situação, o qual é feito principalmente por um reconhecimento, que pode ter várias formas de emprego desde o reconhecimento mais afastado com fontes abertas, fotografias satelitais e cartas topográficas até um reconhecimento mais aproximado, com tropas especializadas no terreno fazendo os levantamentos necessários para o êxito da operação.

- a. O reconhecimento é a operação conduzida em campanha através do emprego de meios terrestres e aéreos, objetivando a obtenção de dados sobre o inimigo e a área de operações. Esses meios podem utilizar-se de artifícios visuais ou de quaisquer outros métodos de aquisição de alvos, tais como: explorações eletromagnéticas, sensoriamento remoto, imagens de satélites, fotografias aéreas, veículo aéreo não tripulado, radar de vigilância terrestre, dentre outros meios.
- b. As missões de reconhecimento representam o principal vetor operacional do Sistema de Inteligência. São os instrumentos que permitirão ao S2 buscar os dados necessários ao seu estudo de situação, quer para resposta aos questionamentos iniciais, quer para a constante realimentação do ciclo da inteligência.
- c. Os reconhecimentos são executados antes e durante todas as operações de combate, a fim de obter dados para o Cmt Btl e seu estado-maior, particularmente o oficial de inteligência. Estes dados, uma vez processados, serão utilizados para confirmar, modificar ou formular determinado planejamento.
- d. O reconhecimento tem influência sobre o sucesso de todas as operações militares. Um Cmt necessita de dados sobre o terreno, as condições climáticas e meteorológicas, bem como sobre a localização, efetivo, organização, dispositivo, atividades e condições do inimigo.
- e. As operações de reconhecimento ocorrem de acordo com a situação tática, com as condições da região de operações, com as missões atribuídas e com o tipo e valor dos elementos que irão executá-las. Assim sendo, torna-se imprescindível a análise dos fatores da decisão quando este tipo de operação tiver que ser planejada.
- f. Na execução das missões de inteligência, o S2 é o responsável pelo adestramento, planejamento e supervisão do emprego das frações de reconhecimento do Btl, cabendo-lhe a orientação final às patrulhas (BRASIL, 2003, p. 2-16).

2.2.1 Operações de Montanha

A dissociação entre o significado dado às montanhas no meio civil para o meio militar não é possível, porém, devido às especificidades que uma operação militar apresenta e exige, ficaria impossível não criar classificações ou definições. Algumas dessas classificações são empregadas pelo fato de uma operação militar exigir conhecimentos quanto ao terreno que implicam diretamente na natureza da tropa que ali será empregada. Por esse motivo, pode-se verificar que no meio militar, ambiente desta pesquisa, alguns detalhes são ainda mais aprofundados. Desta forma, alguns entendimentos a respeito dessas especificidades devem ser definidos, conforme segue:

O terreno montanhoso (Ter Mth) restringe a mobilidade, dificultando as comunicações (Com) e o suprimento. Em locais onde não existam estradas e trilhas, torna-se particularmente importante o pleno conhecimento da natureza do solo, da vegetação (Veg) e declividade do Ter, para se determinar os itinerários mais acessíveis ao Mov através campo (BRASIL, 2020, p. 1-2).

Diante das características apresentadas, percebe-se que empregar tropa em terreno montanhoso (Ter Mth) exige conhecimentos que extrapolam o elementar apresentado na instrução individual básica, porém sem deixá-lo de lado, apenas aprimorando-o e adaptando-o para este ambiente operacional.

A área de operações de montanha apresenta aspectos topo táticos que a caracterizam como um ambiente propício às operações (Op) com características especiais, tais como: Op noturnas, infiltrações e incursões (BRASIL, 2020). O terreno e as condições meteorológicas exigirão elevado grau de adestramento para subsistir e combater, calcado em doutrina específica para esse ambiente operacional. Porém, o terreno não é o único agente preponderante em uma operação dessa envergadura. O clima se apresenta como um fator que se não considerado poderá, na maioria dos casos, configurar o insucesso da missão, conforme o exposto a seguir:

1.3.2.6.1 Em geral o clima das montanhas (Mth) tende a ser mais frio que o das planícies que as circundam. As condições climáticas alteram-se significativamente com a altitude, latitude e exposição a ventos atmosféricos e massas de ar. Por isso, a maioria das regiões Mth possui, ao menos, duas

zonas climáticas diferentes, uma nas baixas altitudes e outra nas proximidades dos cumes.

[...]

1.3.2.6.3 Nas Mth, as condições meteorológicas mudam rapidamente e são de difícil previsão, podendo variar do frio ao calor em pouco tempo. Em altitudes elevadas é notável a diferença de temperatura entre áreas ensolaradas e com sombra, ou áreas expostas ao vento e locais abrigados. Por isso, as Op Mth requerem soldados preparados e com materiais para o frio, o calor e a chuva, o que aumenta a quantidade de equipamentos (Eqp) e dificulta a logística (BRASIL, 2020, p. 1-5).

Na própria história militar foi possível verificar diversas situações em que o ambiente de montanha se mostrou decisivo para as operações, tornando o combate mais dificultoso ou a surpresa mais latente, deixando claro mais uma vez a importância de ter um bom conhecimento sobre operações dessa envergadura.

O terreno montanhoso pode ser um aliado ou um adversário perigoso. Na Caxemira todos os anos, milhares de soldados são apresentados ao ambiente montanhoso para ajudá-los a compreendê-lo e apreciá-lo. Existe uma diferença marcante no desempenho das unidades que realizaram treinamento vigoroso de aclimatação e daquelas que não o fizeram. As baixas relacionadas ao clima e ao terreno são um grande indicador. Durante o treinamento inicial no Colorado (Estados Unidos da América) durante o início da década de 1940, a 10ª Divisão de Montanha dos EUA sofreu mais baixas devido a lesões relacionadas ao clima do que em combate real nas montanhas da Itália (MALIK, 2004). Dada todas essas dificuldades, os desenvolvimentos da liderança em todos os escalões se tornam ainda mais importantes, uma vez que devido à natureza compartimentada do terreno montanhoso, as operações acabam por se desenvolverem em níveis de comando menores, como patrulhas de pelotões e subunidades.

As operações ofensivas exigem planejamento e preparação meticulosa devido à força inerente que o terreno montanhoso proporciona ao defensor. O treinamento desempenha um papel vital para garantir uma vantagem para os atacantes. Como o defensor tem vantagem, ataques bem-sucedidos devem isolar o defensor e mantê-lo sob pressão constante. Os soviéticos deram grande ênfase aos líderes subalternos e às operações de montanha em escalão de subunidades, defendendo o envolvimento de grupos menores e autônomos (MALIK, 2004). Deve-se levar em consideração ainda, que as operações ofensivas são muito mais complicadas que as defensivas, pelo simples fato do comandamento constante por parte de quem defende, porém como dito anteriormente, as operações em escalões menores são largamente

empregadas, uma vez que o ambiente oferece oportunidades de surpresa que poucos outros terrenos também apresentam.

O terreno montanhoso oferece oportunidades de infiltração, exigindo que os defensores sejam agressivos o tempo todo. O patrulhamento agressivo aumenta a segurança e mantém os soldados ativos e atentos. Na Caxemira, isso ajudou a evitar uma mentalidade de bunker (MALIK, 2004). Embora os sensores forneçam alguma proteção, o terreno montanhoso é muito compartimentado para uma vigilância eletrônica completa. Os elementos de apoio ao serviço de combate (CSS) devem fornecer sua própria proteção e devem treinar em patrulhamento e defesa de perímetro enquanto desenvolvem uma mentalidade focada em vigilância constante.

2.2.2 Pelotão de Reconhecimento em Montanha

O Pelotão de Reconhecimento em Montanha está inserido na estrutura organizacional do Batalhão de Infantaria de Montanha, cuja missão principal é realizar o reconhecimento de faixas de infiltração, de obstáculos rochosos verticais e horizontais, e da atividade inimiga, e, em segundo plano, guiar a tropa pela faixa de infiltração até a posição de ataque.

Esta pesquisa não tem como objetivo aprofundar em todas as capacidades e limitações que um pelotão de reconhecimento em montanha (Pel Rec Mth) possui, existem fontes oficiais que podem fornecer melhores dados sobre isso. Porém tendo essas fontes como apoio a pesquisa, pode-se definir algumas capacidades que são de suma importância para o melhor cumprimento da missão de levantar os dados necessários para assessorar no PITCIC.

Pelas características já colocadas anteriormente, e por diversas outras que podem ser elencadas nas fontes de pesquisas deste trabalho, o Exército Brasileiro chegou à conclusão de que conduzir operações militares em ambiente operacional de montanha (Ambi Op Mth) não seria uma tarefa simples a ponto de ser executada apenas com conhecimentos básicos de operações. Com isso, pode-se observar que o Pelotão de Reconhecimento dos Batalhões de Infantaria Leve de Montanha precisa

dominar capacidades que apenas tropas de emprego com características especiais possuem, conforme descrito a seguir:

No Ambi Op Mth, até mesmo um Ini tecnologicamente inferior, mas conhecedor das características do terreno, poderá neutralizar as vantagens de tropas de efetivos maiores e tecnologicamente superiores.

O emprego de grandes efetivos ficará restrito às operações realizadas nos vales, os quais são imprescindíveis para atender às necessidades de apoio logístico da tropa.

As condições meteorológicas, pela importância que têm nas operações montanha, devem ser fortemente consideradas no planejamento das operações ofensivas. O período da noite e os de reduzida visibilidade devem ser aproveitados ao máximo (BRASIL, 2020, P. 3-4).

O Pelotão de Reconhecimento de Montanha possui constituição e adestramento específico para ter condições de, durante uma operação ofensiva, assessorar da melhor forma o escalão superior, contribuindo principalmente no levantamento do ambiente operacional, nos efeitos das condições meteorológicas, e na avaliação da ameaça por meio de monitoramentos de região de interesse para a inteligência (RIPI), ou , ainda, agregando capacidade de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (IRVA).

2.2.3 Relatório de Reconhecimento em Montanha

Existem diversos meios para a obtenção de dados acerca do terreno, condições meteorológicas, considerações e inimigos; e todos eles estão distribuídos nos elementos de emprego da Força Terrestre, porém, o meio de vigilância e reconhecimento se mostra como o mais adequado dentro dessa fase para ser estudado e correlacionado com o relatório, produto do Pelotão de Reconhecimento em Montanha.

Com esses entendimentos, fica fácil de perceber a importância e o valor que precisa ser dado aos relatórios de reconhecimentos produzidos, principalmente quando feitos por especialistas em certos ambientes operacionais, uma vez que eles poderão aprofundar ainda mais o conhecimento a cerca daquela região, gerando produtos que perpassarão por todo o ambiente de emprego da Inteligência Militar (Figura 2).

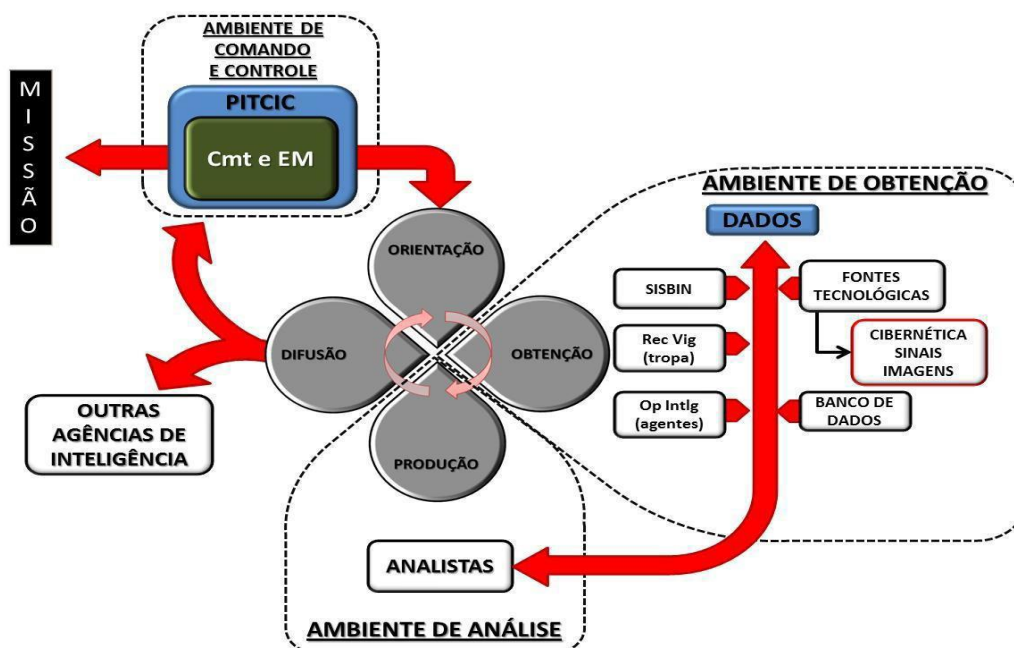


FIGURA 2 – O ambiente de emprego da Inteligência
Fonte: BRASIL (2015)

Pela complexidade do assunto, somado ao fato de ser uma pesquisa com proposta de implementações, faz-se necessário a busca em conhecimentos estrangeiros. O Exército Brasileiro já colheu muitos conhecimentos no exterior, figurando dentro de suas fontes a doutrina militar francesa, onde é possível verificar uma clara integração da inteligência com o combate em montanha.

De acordo com o Exército Francês (FRANCE, 2006) a aquisição de inteligência de origem humana nas montanhas requer know-how específico que só pode ser obtida por unidades de elite experientes em técnicas de montanha e capazes, não só de se infiltrar e exfiltrar por vias inesperadas e de viver nas montanhas por vezes por muito tempo com total discrição e segurança, mas também devido ao isolamento das unidades e a compartimentação do terreno para explorar inteligência de alto valor agregado em um curto loop através de ações oportunistas de alcance limitado (captura de um indivíduo procurado, apreensão de equipamentos, eventual destruição de um alvo, condução de tiros). Desta maneira, o emprego dos relatórios de reconhecimento produzidos pelos Pelotões de Montanha, pode ser uma importante aliada na melhor compreensão do ambiente operacional por parte do escalão superior, sendo um importante vetor de inteligência em uma região com acesso dificultado.

2.3 PROCESSO DE INTEGRAÇÃO TERRENO- CONDIÇÕES METEREOLÓGICAS- INIMIGO- CONSIDERAÇÕES CIVIS (PITCIC)

O PITCIC é uma ferramenta de apoio ao exame de situação a ser feito pelo Estado-Maior de uma unidade ou grande unidade, durante as operações militares, tendo como principal responsável o oficial de inteligência para sua condução. Esse processo permite realizar uma visualização integrada de como o terreno, as condições meteorológicas, e as considerações civis irão condicionar as próprias operações e as do inimigo, e se desenvolve em quatro grandes fases (Figura 3) que são pormenorizadas em etapas.

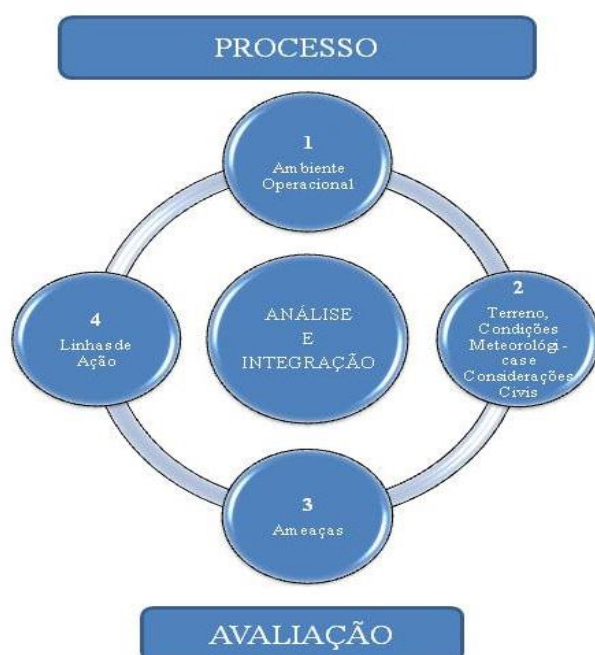


FIGURA 3- Fases do PITCIC
Fonte: BRASIL (2016, p. 5-3)

A 1ª Fase é a definição do ambiente operacional, onde serão identificadas as características significativas do ambiente. Nessa fase será identificada a Zona de Ação ou Área de responsabilidade, será determinada a Área de Influência e Área de Interesse, serão avaliados os bancos de dados que já se tem; e iniciar-se-á a coleta e busca de dados. Na 2ª Fase, que é a identificação dos efeitos ambientais sobre as operações, será realizado um estudo das considerações civis, dos aspectos gerais do terreno e das condições meteorológicas, além da identificação dos corredores de

mobilidade, acidentes capitais e das vias de acesso; análise do terreno; e os efeitos ambientais sobre as operações. Já na 3ª Fase, onde é realizada a avaliação da ameaça, deve-se realizar uma atualização ou criação dos modelos de ameaça, analisar os fatores da ordem de batalha, e identificar as capacidades da ameaça. Por fim, na 4ª fase, têm-se a determinação das possíveis linhas de ação do inimigo e uma integração de tudo que foi feito antes. Para isso é levantado os prováveis objetivos do inimigo e o estado final desejado, realizando a montagem e análise das linhas de ação, levantando qual a prioridade e detalhamento das linhas de ação do inimigo, como são feitos os calcos e matrizes de eventos, e por fim, são confeccionados o calco e a matriz de apoio à decisão.

Visualizado o processo como um todo, é elementar entender que o Pel Rec Mth consegue contribuir em todas as fases e etapas do processo, seja mantendo atualizado o banco de dados sobre o terreno e a influência das condições meteorológicas, seja levantando novas estimativas correntes acerca das atividades do inimigo na Zona de Ação.

A natureza cíclica do PITCIC evidencia sua necessidade de constante retroalimentação, uma vez que os elementos os quais o compõem estão em constante alteração. Sabe-se que as fases em que isso se apresenta mais evidente são a terceira e a quarta, que dizem respeito principalmente às evoluções apresentadas pelo inimigo. Porém, a primeira e segunda fase que tangem o terreno, as condições meteorológicas e as considerações civis, também precisam de atualizações periódicas, principalmente considerando o efeito do homem sobre a natureza, modificando-a constantemente. Desta forma, evidencia-se novamente a possibilidade de utilização das informações coletadas nos relatórios de reconhecimento de montanha como elemento de atualização dos dados constantes no PITCIC.

3. METODOLOGIA

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

Com intuito de delimitar o tema, o objeto formal de estudo foi a percepção dos militares que possuam a especialidade de Guia de Montanha frente à importância do relatório de reconhecimento de montanha nas operações ofensivas.

A fim de se visualizar esse objeto formal de estudo, foi elaborado o quadro de operacionalização das variáveis independentes e dependentes (Quadro 1):

Variável Independente	Variável Dependente	Dimensão	Indicadores	Forma de medição
Integração terreno, condições meteorológicas, inimigo e considerações civis	Emprego Pelotão de Reconhecimento do Batalhão de Infantaria de Montanha	Com Pelotão de Reconhecimento	Melhoria no processo de integração - PITCIC	Revisão Bibliográfica e Questionário
		Sem Pelotão de Reconhecimento	Piora no processo de Integração	
	Relatório de reconhecimento	Com relatório de reconhecimento	Informações mais completas	
		Sem relatório de reconhecimento	Informações sem utilização	

QUADRO 1- Operacionalização das variáveis

Fonte: Autor

Além do citado acima, é interessante também saber até que ponto os dados levantados podem contribuir nas operações de níveis tático.

3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa teve como fases: o levantamento bibliográfico; a aplicação de questionários com especialistas da área que tiveram experiências dentro das capacidades desejadas; e a análise dos exemplos coletos para estimular a compreensão do problema.

Quanto ao método de pesquisa, caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa pois levará em consideração algumas particularidades das informações coletadas de forma ampla e não quantificável.

Quanto aos objetivos, tratou-se de uma pesquisa exploratória com o intuito de elucidar como os procedimentos previstos em manuais devem ser realizados, desde a fase de recebimento da missão pelo escalão superior até a entrega do relatório de reconhecimento em montanha para o Estado-Maior da Unidade. Desta forma, chegou-se à conclusão se o tempo para fazer o relatório foi o suficiente e se os dados ali levantados auxiliaram de sobremaneira o planejamento da operação ofensiva.

3.3 AMOSTRA

A pesquisa restringiu-se aos militares que possuíam a especialidade de Guia de Montanha, e que, preferencialmente, já tivessem integrado um Pelotão de Reconhecimento de um dos quatro Batalhões de Infantaria de Montanha. Além desses, apenas para fins de comparação, foram pesquisados militares que possuíam especialidades afins, como precursores paraquedistas e forças especiais.

Diante da especificidade descrita para a seleção dos militares participantes da pesquisa, a população a ser analisada foi estimada em 60 militares. Dessa forma, a fim de obter uma maior confiabilidade das induções realizadas, buscou-se atingir uma amostra significativa, utilizando como parâmetros o nível de confiança igual a 90% e erro amostral de 10%. Neste sentido, a amostra dimensionada como ideal, foi quantificada em 32 (n_{ideal}). Os participantes foram selecionados aleatoriamente, de

forma a não haver interferência de respostas; ficando restrita, porém, àquelas que possuam representantes que atendam à necessidade de especialização.

Esse questionário teve a finalidade de levantar as opiniões dos militares sobre as dificuldades encontradas no ambiente virtual de aprendizagem e os aspectos considerados relevantes para a solução do problema proposto.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DA LITERATURA

Os procedimentos adotados levantaram na base de dados da Biblioteca do Exército (Rede BIE), do Departamento de Ensino e Cultura do Exército (DECEX), em sítios eletrônicos de procura na internet, e nos mecanismos de busca *Scielo* e Google Acadêmico, as publicações nacionais e estrangeiras que abordassem temas atinentes à inteligência, operações ofensivas e operações em montanha e seus correlatos, em inglês e português, para com isso ser possível esgotar a literatura específica do assunto e não tentar responder uma pergunta que já possui resposta.

Os procedimentos metodológicos para explorar as fontes de dados foram a utilização de palavras-chaves, como: inteligência nas operações ofensivas; processo de integração terreno; condições meteorológicas; inimigo e considerações civis; operações em montanha; e reconhecimento em montanha.

A partir disso, tendo por base as questões de estudo levantadas, a inclusão e exclusão de dados ocorreu de acordo os seguintes critérios:

a) Critérios de inclusão:

- Trabalhos publicados em português ou outras línguas, relacionados ao emprego da Patrulha de Reconhecimento em Montanha em operações militares;
- Manuais sobre operações de montanha;
- Informações relevantes e de fontes confiáveis.

b) Critérios de exclusão:

- Informação sem fonte confiável;
- Estudos com pesquisas pouco definidas e sem aprofundamento;

- Estudos sobre operações defensivas e demais procedimentos adotados que não tangenciam de sobremaneira a função de combate inteligência;
- Estudos obsoletos.

3.5 INSTRUMENTOS

Com o intuito de proporcionar a verificação das variáveis dependentes e independentes foi elaborado um questionário a ser respondido pelos militares que já integraram um pelotão de reconhecimento do Batalhão de Infantaria de Montanha, e por militares que já se valeram de dados levantados por tal pelotão para realizar planejamento de alguma forma de manobra da ofensiva. A escolha pelo questionário deu-se em razão de ele ser uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que permitem obter informações mais estruturadas, podendo ser administrado sem a presença do pesquisador, e muitas vezes comparado a outros métodos (COHEN et al., 2013).

Visando levantar informações mais específicas, foram realizadas também variações de perguntas no questionário quanto à especialidade do entrevistado para que fosse pontuado se a forma que recebeu a missão e a forma que aprendeu a executá-la, estava pertinente com o previsto em manual, e em que momento foi necessário tomar uma decisão por não haver previsão literária de um problema que encontrou.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados na etapa de aplicação de questionário foram analisados qualitativamente sendo separados por categorias que englobaram as respostas de acordo com cada dimensão das variáveis estudadas de forma a mitigar as dúvidas quanto aos procedimentos padronizados o máximo possível. Para isso, foi verificado quais dados do relatório são imprescindíveis para um melhor aproveitamento pelo

escalão superior. Além disso, pretendeu-se identificar quais os dados presentes atualmente no relatório de reconhecimento em montanha podem ser suprimidos sem perder a característica de fonte para o PITCIC.

Após a categorização dos dados, foi realizada a codificação a fim de permitir que o pesquisador analise os dados de forma estruturada. Para isso, foi utilizada a tabulação simples, a qual teve seu resultado representado em gráficos nos formatos de barras e de pizza.

4. RESULTADOS

Este capítulo foi desenvolvido com o intuito de apresentar os resultados obtidos com a pesquisa bibliográfica e as respostas obtidas via questionário realizado com oficiais e especialistas, que já fizeram uso ou sentiram a necessidade de utilizar um relatório de reconhecimento em montanha. O questionário ficou restrito aos oficiais porque estes têm maior contato com os produtos gerados por um reconhecimento deste tipo. Além do fato de que no trabalho de estado-maior, os produtos advindos do PITCIC, em grande parte das vezes, são produzidos por oficiais. Entretanto, os resultados da pesquisa não poderão se restringir a este círculo, uma vez que qualquer alteração que venha a ser feita implicará diretamente no Curso Avançado de Montanhismo, o qual não faz diferenciação entre oficiais e praças.

Na Figura 4 estão apresentadas as especialidades dos militares participantes da pesquisa.

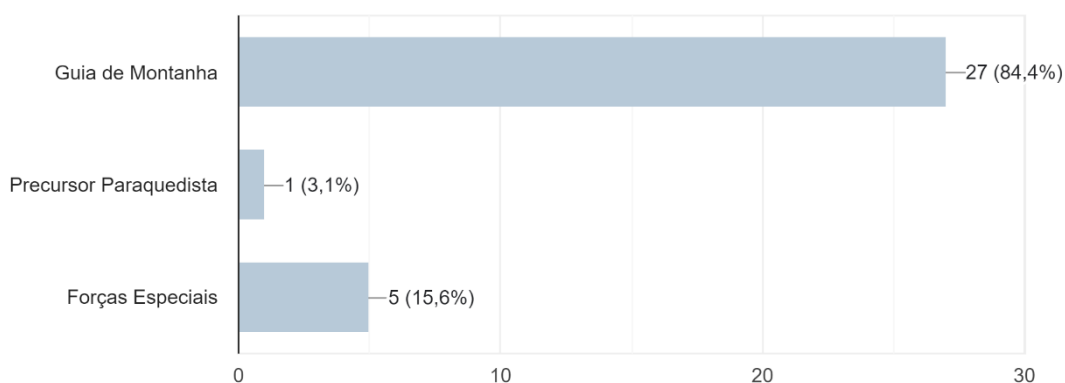


FIGURA 4- Especialização dos militares participantes da pesquisa
Fonte: Dados da pesquisa

Ainda, visando a heterogeneidade da pesquisa e a busca de diferentes experiências, foram selecionados militares que ocuparam diferentes funções que se valeriam dos relatórios de reconhecimento, desde comandantes de pelotão de reconhecimento (Pel Rec), passando por instrutores do Centro de Instrução de Operações em Montanha e Centro de Instrução de Operações Especiais, até comandantes de Batalhão de Infantaria de Montanha (BI Mth), como podemos observar na Figura 5.

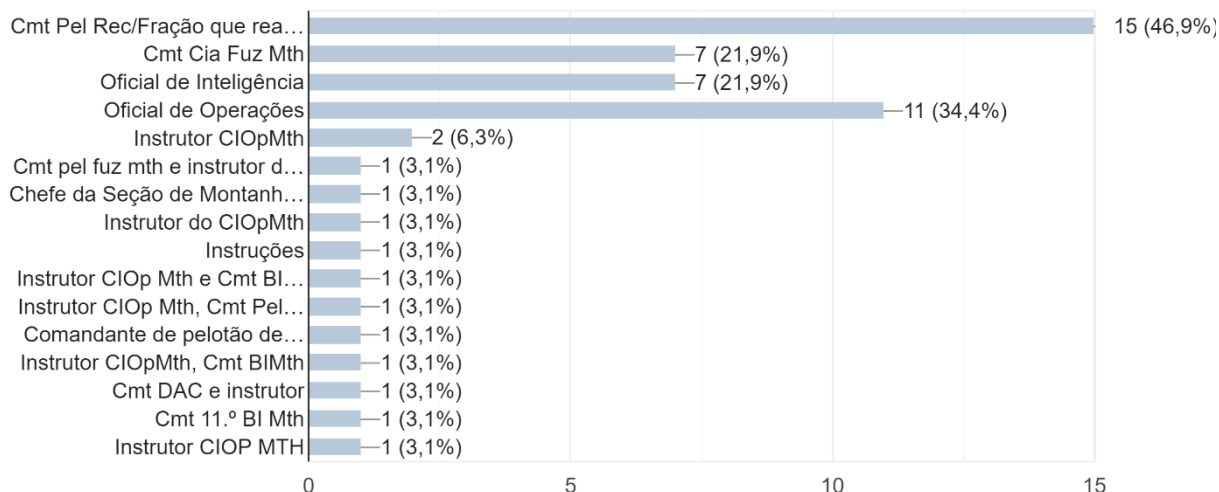


FIGURA 5- Função desempenhada pelos participantes da pesquisa
Fonte: Dados da pesquisa

Na Figura 6 pode-se verificar que grande parte dos participantes já utilizou um relatório de reconhecimento em montanha realizado por outra tropa. Isso significa, que de acordo com o esperado em doutrina, uma tropa apta a realizar este relatório, o fará para que outra fração faça uso dele dentro de um contexto operacional.

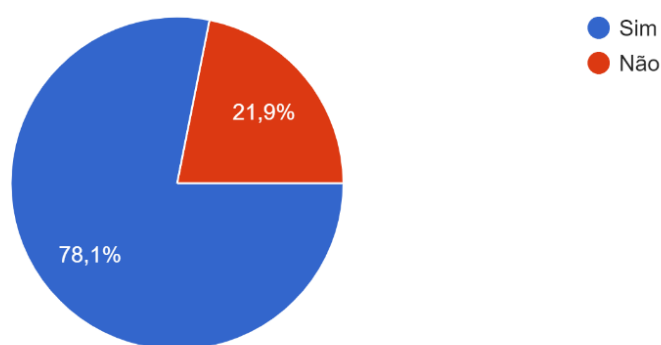


FIGURA 6- Resposta dos participantes quanto a utilização do relatório de reconhecimento em montanha em missão real ou adestramento
Fonte: O autor

A opinião dos participantes sobre a coerência das informações contidas no Relatório com o que é demandado na doutrina das operações em montanha está apresentada na Figura 7.

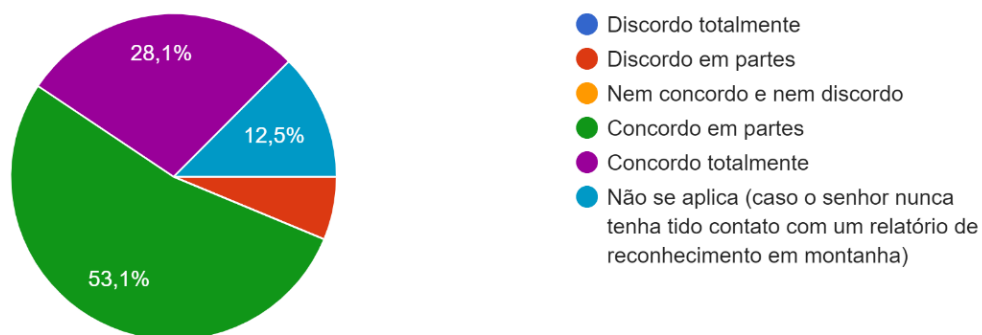


FIGURA 7- Opinião dos participantes sobre a coerência dos relatórios com o demandado na doutrina das operações em montanha
Fonte: O autor

Prosseguindo no questionamento sobre a qualidade dos relatórios, a opinião dos militares sobre o fato de as informações contidas no relatório serem claras e atualizadas estão dispostas na Figura 8.

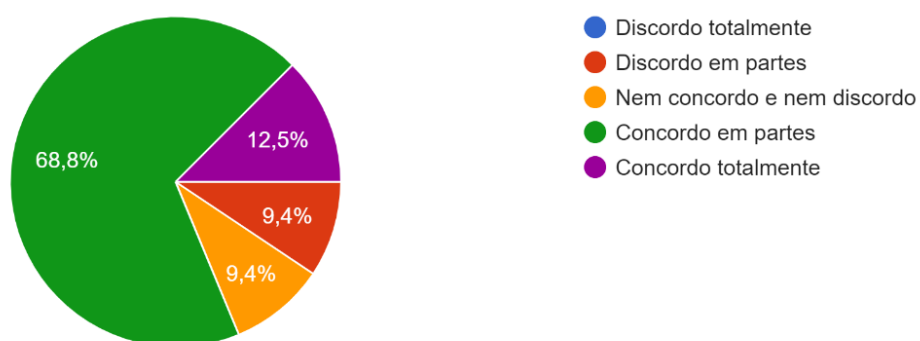


FIGURA 8- Opinião dos participantes sobre as informações contidas no relatório serem claras e atualizadas
Fonte: O autor

Quando questionados sobre a influência das atualizações nas operações futuras, 71,3% dos participantes concordam que caso elas não tivessem sido realizadas haveria dificuldades na sua realização (Figura 9).

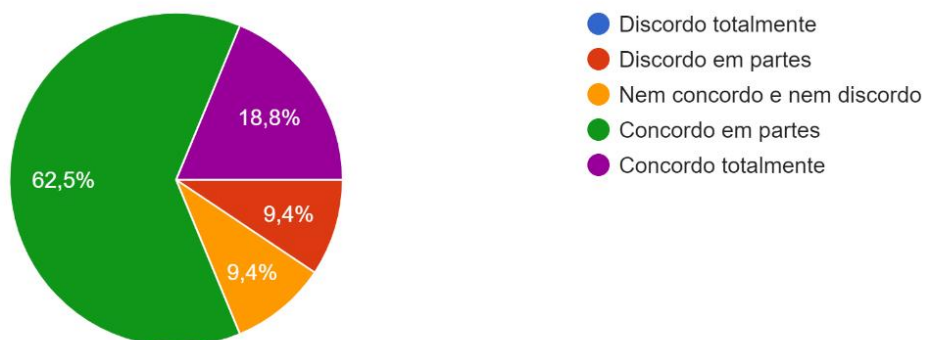


FIGURA 9- Opinião dos participantes sobre a influência das atualizações em futuras operações
Fonte: O autor

Na Figura 10 estão dispostas as opiniões dos militares participantes da pesquisa sobre a utilização do relatório no planejamento do itinerário.

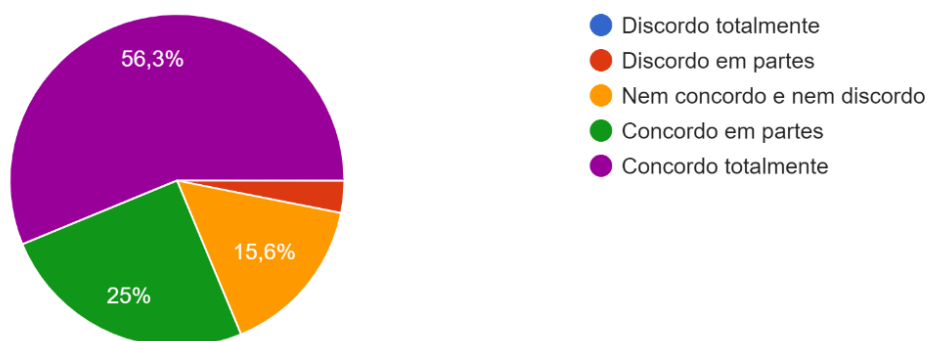


FIGURA 10- Opinião dos participantes sobre a utilização do relatório no planejamento de itinerário
Fonte: O autor

Dando prosseguimento aos questionamentos sobre a utilização do relatório, na Figura 11 estão apresentadas as opiniões dos militares sobre a utilização dele para a visualização do terreno.

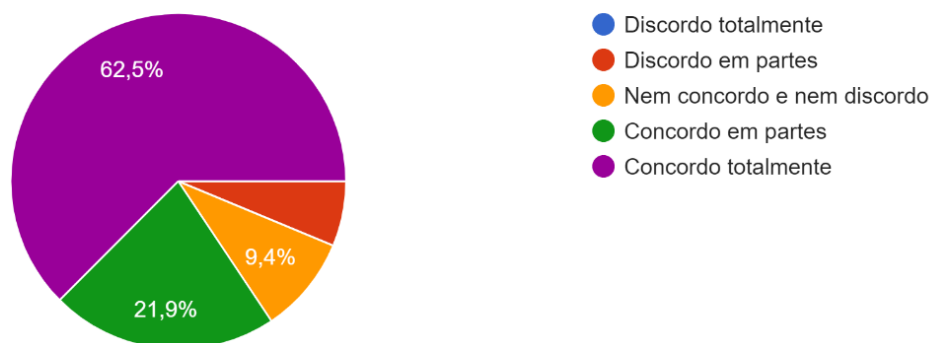


FIGURA 11-Opinião dos participantes sobre o uso do relatório para visualização do terreno
Fonte: O autor

Parte dos documentos que compõem o relatório em pauta, são destinados para o itinerário; desta forma, a atualização destes são de suma importância para a tropa que irá fazer uso, como podemos observar na Figura 12.

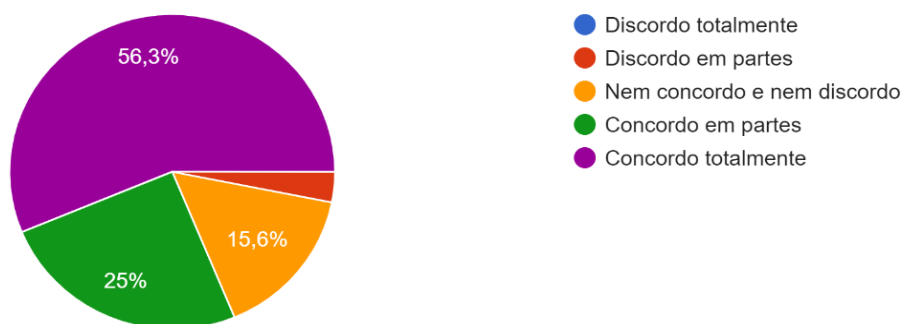


FIGURA 12- Opinião dos participantes quanto a contribuição do relatório no planejamento do itinerário
Fonte: O autor

A opinião dos participantes sobre a importância do Relatório de Reconhecimento no PITCIC está disposta na Figura 13.

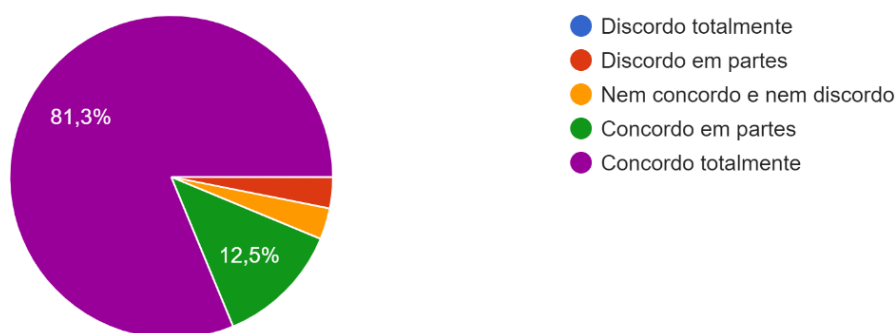


FIGURA 13- Importância do relatório de reconhecimento no PITCIC
Fonte: O autor

A pesquisa tem mostrado até o momento o nível de contribuição que um relatório desta monta traz para o PITCIC como um todo. Essa afirmação pode ser comprovada pelo nível de concordância dos participantes (93,8%) quando questionados sobre a importância do relatório de reconhecimento para o PITCIC (Figura 14).

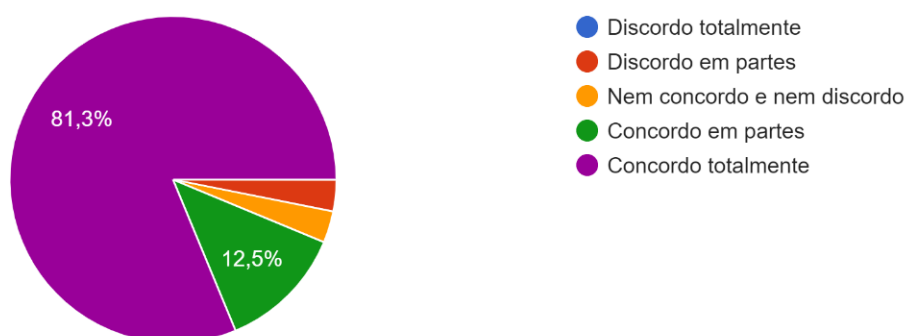


FIGURA 14- Opinião dos participantes quanto à importância do relatório de reconhecimento com o PITCIC
Fonte: O autor

Segundo nos questionamentos sobre a importância do relatório de reconhecimento, mais especificamente em sua contribuição no processo de tomada de decisão, a opinião dos militares está disposta na Figura 15.

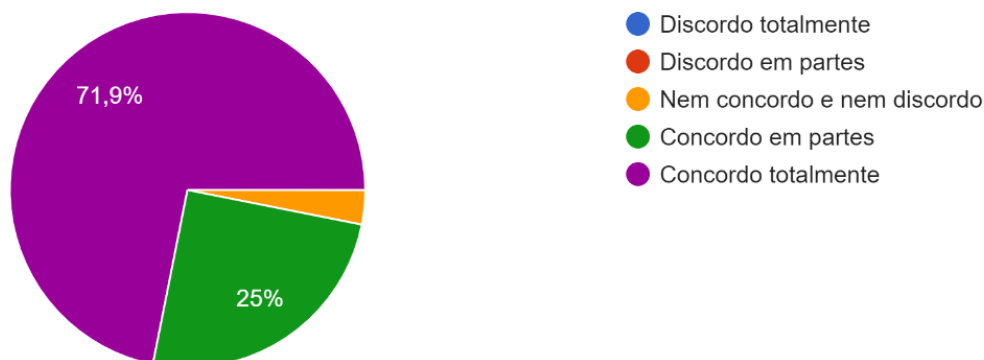


FIGURA 15- Opinião dos participantes quanto à contribuição do relatório de reconhecimento no processo de tomada de decisão
Fonte: O autor

O que fica claro, também, é a necessidade de levantar as informações atendendo ao critério da oportunidade, já que muitos dados vivem em constante atualização. Desta forma, como verificado com o questionário, é de suma importância que os levantamentos que alimentarão o processo de integração não sejam realizados apenas quando iniciada a operação ofensiva propriamente dita. Podemos ver que 81,2% dos participantes também verificaram essa necessidade segundo suas experiências (Figura 16).

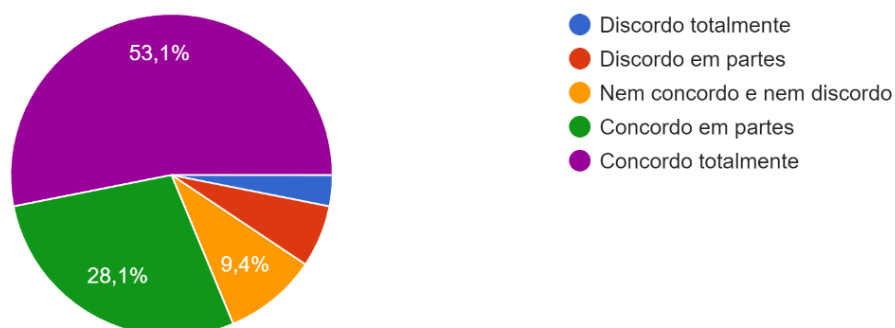


FIGURA 16- Opinião dos participantes sobre a necessidade constante de atualização das informações
Fonte: O autor

Foi dada a oportunidade, ainda, para que os militares participantes acrescentassem algo que, melhorado no relatório, poderia contribuir mais para o PITCIC. Dentre as considerações recebidas destaca-se a seguinte afirmação: “Tendo constantes atualizações feitas por relatórios recorrentes”. Diante dessa afirmação,

comprova-se a necessidade de haver atualizações constantes, problema levantado por esta pesquisa.

Ainda, dentro do fator oportunidade, foi proposto por um participante a atualização dentro do que se segue: “Acredito que relatórios feitos a cada biênio seriam de extrema valia para atualização do terreno, bem como suas características peculiares. Deste modo, seriam aprimorados cada vez mais sobre os relatórios já preexistentes, enriquecendo assim o êxito nas Operações em Ambiente de Montanha”. O exposto vai ao encontro do abordado anteriormente, já que podemos entender que mesmo o relatório tendo uma constante atualização, seria indispensável também que ele fosse realizado em diferentes épocas para atender às características alteradas pelas estações do ano.

Um participante também relatou que há a necessidade de haver uma maior divulgação e facilidade de acesso às OM que operam nesse ambiente, o que demonstra a pouca prática na pauta, alimentando a necessidade de haver mais missões de reconhecimento que realizem o preenchimento completo do relatório nas unidades de montanha.

Apesar da complexidade e quantidade de informações levantadas pelo relatório de reconhecimento em montanha, observou-se por experiência dos participantes que se algumas informações fossem acrescentadas, o referido documento seria ainda mais útil, podendo servir de principal fonte de dados para todo o PITCIC.

Outra consideração realizada pelos participantes refere-se às considerações civis, quando expõe que: “No PITCIC poderia detalhar mais as considerações civis, inclusive realizando pesquisas prévias sobre a população da Área de Operações, na qual o Pel Rec Mth irá atuar”. Verifica que o atual relatório é deficiente nesse item.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O questionário teve um universo heterogêneo de especialidades, basicamente abarcando toda as que utilizaram um relatório desta monta em operações ofensivas. Porém, observa-se que a maior parte dos participantes são Guias de Montanha (84,4%), seguido de Forças Especiais (15,6%) e Precursores Paraquedistas (3,1%); o que era de se esperar, haja vista o relatório ser o principal produto realizado pelo Guia de Montanha (Figura 4).

Observa-se na Figura 5 que a grande maioria dos participantes (46,9%), já comandou o Pel Rec ou pequenas frações que faziam largo uso dos relatórios de reconhecimento, o que denota, além de conhecimento no assunto, uma necessidade de utilizar o mesmo. No caso de comandante de Companhia de Fuzileiros de Montanha (Cmt Cia Fuz Mth), o percentual foi um pouco abaixo do esperado (21,9%), levando em consideração que seria o primeiro elemento a utilizar na prática o relatório desenvolvido pelo Pel Rec. Entretanto, como esperado, a função de oficial de operações (S-3) foi bastante desempenhada pelos entrevistados (34,4%), o que contribui de sobremaneira para a pesquisa, já que esta função precisa dos produtos do relatório para melhor planejar a missão a ser desenvolvida. Com esta amostra pudemos ter uma grande heterogeneidade das respostas, porém sem fugir muito da compreensão de necessidade do relatório que já era esperado.

Antes de continuar na análise dos resultados, é de suma importância realizar um adendo para que não gere confusão no entendimento do leitor. A presente pesquisa visa compreender o melhor momento para empregar uma patrulha com a finalidade de realizar o reconhecimento em ambiente operacional de montanha. Como já foi dito anteriormente, este ambiente operacional possui diversas nuances que tornam as missões mais complexas quantos ao planejamento.

Desta forma, é necessário entender quem são os atores de um reconhecimento nos dois momentos que aqui serão estudados. O primeiro momento é já no contexto de uma operação militar transcorrendo, e quanto a esta não restam dúvidas da necessidade de realizar os reconhecimentos para planejar as melhores vias de acesso dentro de uma infiltração. Este planejamento será um trabalho em conjunto do oficial de operações (S-3) juntamente com o oficial de inteligência (S-2) de um BI Mth ou de

uma fração que realizará missões nesse ambiente, como destacamento de ações de comandos (DAC), destacamento operacional de forças especiais (DOFEsp) e equipe de precursores paraquedistas (Eqp Prec).

Sabe-se também, que mesmo com o relatório subsidiando o planejamento prévio a ser realizado, um ator que faz uso imediato desse produto é o Cmt Cia Fuz Mth, haja vista que o estado da arte desse tipo de operação é o tal comandante receber o relatório de forma digital momentos antes de iniciar sua infiltração, para assim ele deslocar sua fração num terreno recém reconhecido.

Entretanto, a pesquisar visa entender também levantar se a realização de tais reconhecimentos em momentos diferentes não seria de grande valia para futuras operações. E nesse contexto, os atores mais envolvidos no processo seriam o próprio Cmt Pel Rec Mth, que estaria adestrando sua fração naquele terreno que poderia vir a patrulhar no futuro; o S-2 que, com um relatório mais minucioso, por ter mais tempo para ser feito, poderia manter a base de dados acerca da região sempre atualizada; o S-3 que, com o assessoramento do Cmt Pel Rec Mth e o S-2 poderia manter a linhas de ação naquele ambiente operacional em constante atualização; e o Cmt BI Mth, que por intermédio desse banco de dados sempre atualizado, e a fração sob seu comando mais apta a ali operar, o Pel Rec Mth, em constante adestramento, poderia estar com as ferramentas para melhor decidir e melhor assessorar seu comando enquadrante.

Observa-se na Figura 7 que apesar de a grande maioria dos participantes terem utilizado os relatórios de reconhecimento em montanha, percebe-se que existe uma pequena divergência naquilo que prevê um relatório de reconhecimento em montanha e o que foi apresentado para os militares que o utilizaram.

Essa divergência pode se dar pelo fato de o relatório de reconhecimento em montanha na verdade ser um compilado de diversos outros documentos que o compõem, desta forma, é possível que o contato tido pelos participantes foi com partes desse documento maior, partes que naquele momento já cumpririam sua missão de contribuir para a operação a ser desenvolvida.

A mesma celeuma pode ser verificada na Figura 8, onde grande parte dos participantes (68,8%) afirmaram que as informações não estavam atualizadas ou pouco claras. Isso pode ter ocorrido, principalmente pela situação em que o relatório foi realizado, haja vista que por experiência do autor e por relatos de outros militares com experiência na área, esses relatórios dificilmente são realizados dentro do

planejamento anual comum às organizações militares que possuem ambiente operacional de montanha em sua área de responsabilidade.

Com base nas respostas obtidas na Figura 9, comprova-se que a atualização é um evento comum às operações militares, uma vez que, independentemente do grau de atualização de qualquer relatório, sempre haverá atividades recentes e atuais a serem inseridas. O mais importante é que essas atualizações entrem para o banco de dados da tropa e do comando enquadrante naquela operação.

Conforme consta no manual de Pel Rec Mth (BRASIL, 2020), o relatório é composto por diversos documentos a serem preenchidos em diferentes fases da operação conforme apresentado na Figura 17.

CONFECÇÃO	DOCUMENTO
Antes da marcha	Folha de Identificação de pontos
	Folha de Cálculo de Itinerário
	Perfil de Marcha
Depois da marcha	Folha de Marcha
	Descrição dos pontos existentes na folha de marcha
	Condições meteorológicas
Anexos	Carta topográfica
	Calco
	Relatório de Reconhecimento de obstáculos (SFC)
	Arquivos digitais: Fotografias, registro do GPS, etc

FIGURA 17- Composição do relatório
Fonte: BRASIL (2020, p. B-1)

Assim sendo, antes da Marcha é necessário preencher a Folha de Identificação de pontos, onde primeiramente deve-se marcar o ponto inicial e o ponto final do itinerário. Após isso, marcar-se-á os demais pontos do itinerário, sempre considerando a situação tática, uma vez que tais pontos servirão de referência para a futura navegação e para chegar-se ao tempo total de deslocamento. Desta forma, os pontos devem, sempre que possível, representar as diferenças de pendentes, terem uma distância entre si relativamente próxima e serem representados por pontos nítidos (Figura 18).

PONTOS	NOME GRÁFICO	COORDENADAS
PI	Trilha com Linha d'água	73900-62360
P1	Elevação	73060-61870
P2	Construção	72480-61540
P3	Espigão	72230-60700
P4	Linha d'água	72060-60480
P5	Colo	70500-59600
PF	Colo	69690-58680

FIGURA 18- Folha de identificação de pontos
Fonte: BRASIL (2020, p. B-2)

Após o preenchimento da Folha de Identificação dos pontos, o Guia de Montanha irá confeccionar a Folha de Cálculo de Itinerário (Figura 19), onde, basicamente, constarão todas as informações possíveis de se obter previamente ao deslocamento propriamente dito. Esse documento é feito com elevado grau de detalhe, de modo que seja possível a partir dele, confeccionar o próximo documento é que o Perfil de Marcha.

TRECHOS	DISTÂNCIA		ALTITUDE (metros)			PENDENTE	TEMPO DE DESLOCAMENTO				AZ MAG	AZ MAG	
	Em metros	Soma parcial	Inicial	Final	Dif (+/-)		Dif/Dist (%)	TRECHO		PARCIA			
						(H)		(Min)	(H)	(Min)			
PI	P1	972	972	1035	1207	+172	+17,9%	00	49	00	49	266°	266°
P1	P2	624	1.596	1207	1170	-37	-5,6%	00	14	01	03	274°	274°
P2	P3	973	2.569	1170	1085	-85	-15,2%	00	25	01	28	221°	221°
P3	P4	278	2.847	1085	1184	+99	+16,9%	00	24	01	52	244°	244°
P4	P5	1.791	4.638	1184	1075	-109	-6,1%	00	40	02	32	267°	267°
P5	PF	1.226	5.864	1075	1015	-60	-4,8%	00	26	02	58	247°	247°

Obs	Condições de Marcha	Subida (a)	Descida (a)	Subida (b)	Descida (b)	Plano
a	Homens sem equipamento	400 m/h	600 m/h	280 m/h	420 m/h	4 Km/h
b	Homens com equipamento	300 m/h	500 m/h	210 m/h	350 m/h	
c	Muare carregados	400 m/h	300 m/h	280 m/h	210 m/h	
d	Coluna de homens e muare	300 m/h	300 m/h	210 m/h	210 m/h	

(a) Para pendentes < 35° (38,2 %) e < 3.000m de altitude.
(b) Para pendentes > 35° (38,2 %) ou > 3.000 m de altitude (<30%).

TEMPO	
Nr de Dias	1
a. Deslocamento	2:58
b. Altos (a: 25x5)	00:40
c. Refeições	0:40
d. Pernoite	00:00
TOTAL = a+b+c+d	4:18

FIGURA 19- Folha de cálculo do itinerário
Fonte: BRASIL (2020, p. B-3)

Cada trecho da Foha de Cálculo é preenchido apenas com base na carta topográfica, fotografias aéreas ou recurso digitais disponíveis, sendo confeccionado da esquerda para a direita.

Quando se é realizado um bom preenchimento do documento anterior, o Perfil de Marcha (Figura 20) se torna uma ferramenta mais útil e fidedigna, contribuindo

assim para os planejamentos de alto-horários, pernoites, reabastecimentos e outras coordenações.

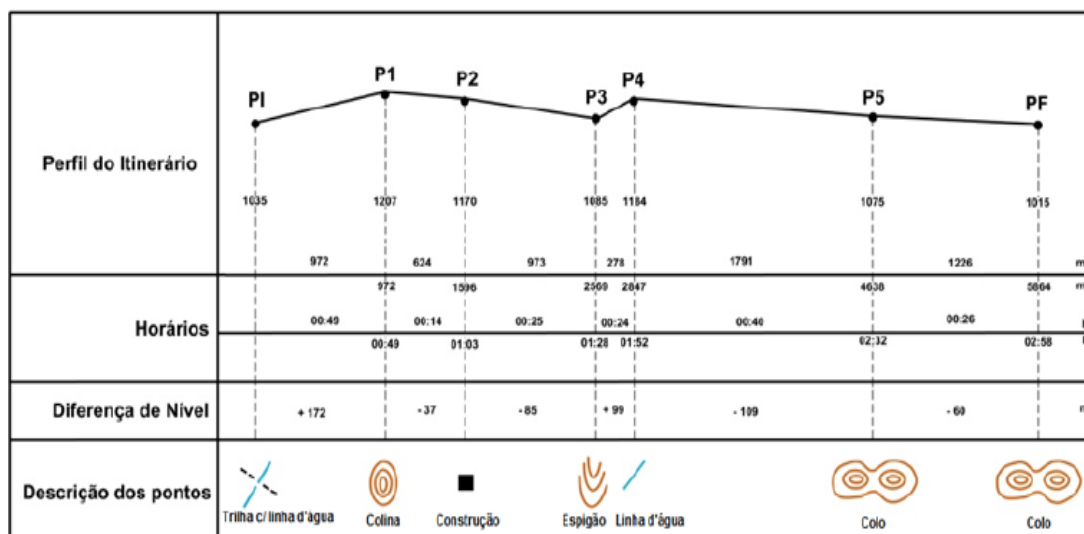


FIGURA 20- Perfil de marcha
Fonte: BRASIL (2020, p. B-9)

Comprovando a importância desses dois documentos citados anteriormente, a maioria dos participantes afirmou que o relatório contribuiu para a realização de um deslocamento condizente com o que foi planejado (Figura 10).

Diante do exposto, o Pel Rec sairá com os três documentos apresentados anteriormente para iniciar seu reconhecimento em montanha. Durante o deslocamento, o Pel Rec, dividido em grupos de reconhecimento, levantará os dados que subsidiarão a Folha de Marcha (Figura 21).

TRECHO			TERRENO		TRANSITABILIDADE			Pt Crítico (C)	Água (A)	Obra de Arte (O)	Loc Ater (L)	A Rapt (R)	OUTRAS OBSERVAÇÕES
De	Para	Tempo	Veg	Solo	A pé	Muar	Vtr						
PI	P1	50	D	F	MB	MB	MB	-	-	-	-	-	
P1	P2	15	D	F	MB	MB	MB	-	-	-	-	-	
P2	P3	17	M/D	F	MB	MB	MB	C1		-	-	-	
P3	P4	32	R/M	F	MB	MB	MB				L1	R1	
P4	P5	40	R/M	F	MB	MB	MB	-		-	-	-	
P5	PF	27	R	F	B	R	I	C2	A1	O1			

Legenda:

VEGETAÇÃO (cobertura vegetal)	
R (rala)	Campos e vegetação arbustiva abaixo de 1,7 m. Permite Obs. [n]
M (média)	Veg arbustiva ou mata rala. Permite pouca ocultação de Obs. [n]
D (densa)	Mata com cobertura vegetal que permite ocultação integral.

SOLO	
F (firme)	Asfalto, calçamento, chão batido, terreno firme
A (arenoso)	Presença de areia. Dificulta o deslocamento.
L (lodoso)	Solo escorregadio. Lama, lodo etc.

TRANSITABILIDADE	
MB	Permite correr
B	Permite andar
R	Permite andar com dificuldade
I	Não permite deslocamento

FIGURA 21- Folha de marcha
Fonte: BRASIL (2020, p. B-12)

Esse documento, pode ser entendido como o principal produto do reconhecimento, uma vez que ele é preenchido “*in loco*”, com as condições que o terreno apresentará naquele momento em que foi realizado. Por esse motivo, deve ser feito com o máximo de meticulosidade, sendo necessário despende um tempo muito acima do que seria gasto apenas para percorrer o percurso, considerando que em cada trecho o pelotão precisará parar várias vezes para fazer todos os levantamentos necessários com relação aos pontos críticos, pontos de suprimento de água, obras de arte (elementos colocados no terreno pelo homem), locais para aterragem de helicóptero, áreas ideais para reagrupamento de tropas; assim como serão levantadas características do terreno, como sua vegetação, solo e transitabilidade por diferentes modais terrestres.

Além disso, anexo à Folha de Marcha vai a descrição dos pontos existentes na referida folha, onde constará uma legenda de todos os elementos levantados com suas respectivas localizações, descrições e outras observações (Figura 22). Deve-se ressaltar ainda, que todos os pontos lançados na folha de marcha devem ser fotografados para facilitar uma futura navegação.

Ponto	Localização	Descrição	Outras observações
C1	07800-36600	Ponte	Local de passagem obrigatória sujeito a emboscadas
C2	07950-36320	Trilha	Trilha localizada entre um paredão e um penhasco, que reduz a capacidade de manobra da tropa.

Tab 14 - Folha de descrição de pontos críticos

Ponto	Localização	Largura	Profundidade	Facilidade	Potabilidade	Outras observações
A1	07800-36600	2m	50cm	MB	MB	Não há moradias nas imediações

Tab 15 - Folha de descrição de pontos de água

Ponto	Localização	Descrição	Dimensões	Outras observações
O1	07800-36600	Ponte	4 X 7 m	Ponte de madeira, suporta Vtr ¼ Ton

Tab 16 - Folha de descrição de obras de arte

Ponto	Localização	Dimensões	Vento	Nat solo	Obstáculos	Outras observações
L1	06450-34350	20 x 30 m	-	F	Não há	

FIGURA 22- Folha de descrição de Loc Ater

Fonte: BRASIL (2020, p. B-13)

Por fim, ainda durante o reconhecimento, serão levantados os dados necessários para preencher o último documento que é finalizado após a marcha: as Condições Meteorológicas– que talvez seja o mais afetado pelo período do ano em que o reconhecimento é realizado– (Figura 23). Neste documento, constarão todas as

condições observadas ou aferidas com equipamento específico durante a marcha, bem como será lançado a previsão para o dia seguinte.

DATA	ICMN	FCVN	Temperatura		Pressão		Condições Nuvens		Previsão para curto período
			Período	T	Período	P	Hora	Nuvens	
			M		M		0800		Alvorada _____
			T		T		1200		0800 _____
			N		N		1600		1200 _____
									1600 _____

FIGURA 23- Folha de descrição das condições meteorológicas

Fonte: BRASIL (2020, p. B-14)

Além desses documentos finalizados antes e após a realização da marcha, ainda teremos como anexos a Carta Topográfica utilizada para a missão; um Calco de deslocamento (Figura 24), o qual sobreposto à carta poderá dar uma visualização gráfica do itinerário utilizado; um relatório de reconhecimento de obstáculos que será feito apenas se no itinerário houver obstáculos verticais ou horizontais a serem transpostos; além de arquivos digitais como as fotos dos pontos no itinerário e geonavegação registrada em equipamento GPS (track).

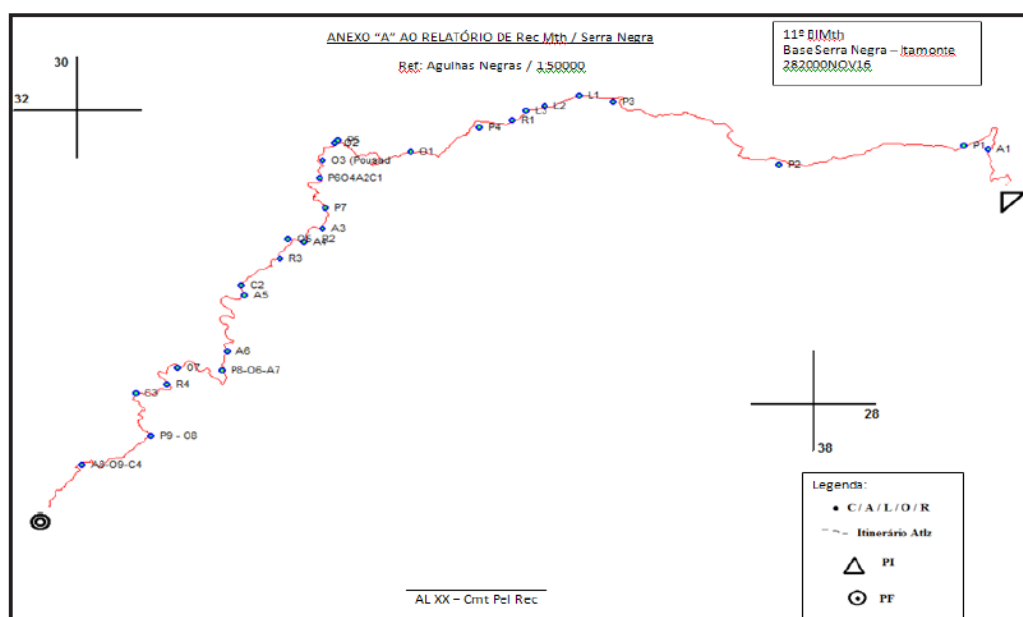


FIGURA 24- Modelo de calco
Fonte: BRASIL (2020, p. B-15)

Com isso, podemos ver que o relatório é bem completo para o que se destina, porém, sabe-se que a completa elaboração nem sempre é possível, restringindo-se, muitas vezes, àquelas informações que serão utilizadas na operação. Entretanto, essas informações se complementam, então se não forem partes de um todo, o relatório de reconhecimento em montanha, continuará havendo pouca compreensão das informações que foram passadas.

O terreno é o principal ditador das operações militares. Toda operação precisa se adequar a ele, e apesar de algumas vezes verificarmos pequenas mudanças, como desmoronamento ou novas obras de artes; na maioria das vezes ele pouco muda. Não podemos afirmar o mesmo sobre os efeitos das condições meteorológicas. Desta forma, um reconhecimento realizado no verão será completamente diferente de um reconhecimento realizado no inverno. Essas afirmações são condizentes com a resposta dos participantes quando questionados sobre a utilização do relatório de reconhecimento para a visualização do terreno e o efeito das condições meteorológicas, onde 84,4% deles concordaram que o relatório foi útil para esse fim (Figura 11).

A partir da opinião dos militares representados na Figura 11, cresce de importância que os relatórios sejam agrupados por períodos divergentes do ano; quando a área está mais seca, quando a área está com maior índice pluviométrico, dentre outros. Considerando isso, o nível de atualização deles estará sempre elevado, interferindo diretamente em outra necessidade de conhecer a área, que é o tempo gasto para ela ser percorrida.

Observa-se na Figura 12, a partir da análise das respostas obtidas, uma divergência sobre a contribuição do relatório no planejamento do itinerário. Essa divergência é resultado do principal problema a que essa pesquisa se objetiva responder, que é colocar o momento ideal para realizar o reconhecimento. Muito provavelmente a diferença no tempo de deslocamento se deu pelo momento em que o relatório foi feito ser diferente do momento que a operação transcorreria. Reforçando assim a ideia colocada anteriormente de que cada itinerário ou área de operações deveria ter banco de dados atualizados de acordo com períodos do ano.

O Guia de Montanha, para fins militares, é o concludente do Curso Avançado de Montanhismo (CAM), que possui nove semanas de duração. O CAM é um curso de extensão que visa habilitar oficiais e sargentos concludentes para o desempenho

de cargos e ao exercício de funções de Guia de Montanha, capacitando-os a conduzir Operações Militares, Conjuntas ou de Forças Singulares em ambiente de Montanha, além de assessorar Comandos Constituídos na condução de Operações Militares em região de Montanha (BRASIL, 2022).

Dentro da vertente do assessoramento em operações militares nas regiões montanhosas, prestá-lo da melhor forma possível, será uma condição direta do entendimento do Pel Rec de que seu relatório de reconhecimento em montanha será o principal insumo a ser aplicado no PITCIC. Fato este, colocado não apenas pela teoria de aplicação do processo ou do emprego do Pel Rec, mas principalmente pela experiência dos participantes da pesquisa, onde 93,8% afirmaram que o relatório de reconhecimento em montanha irá contribuir de forma significativa para o PITCIC (Figura 13).

Dentro da ideia da simultaneidade da realização do processo, segundo as fases já citadas anteriormente, é que cresce a necessidade da atualização constante desse relatório, para que, no momento do conflito, reste apenas poucas atualizações no que tangem principalmente a situação do inimigo.

2.5.2.2 Entretanto, da mesma forma que o ciclo de inteligência, o PITCIC é um processo em que as fases se realizam de forma simultânea, até a integração final dos seus resultados parciais (calco de restrições ao movimento e calco de situação do inimigo).

2.5.3 Pelas características do Ambi Op Mth, o Guia de Montanha deve participar ativamente na identificação dos efeitos ambientais sobre as operações, tanto na fase de orientação, definindo as NI que influenciarão o planejamento, quanto na fase de obtenção, por meio de identificação em cartas, imagens de satélite ou por meio de reconhecimentos.

2.5.4 A identificação dos efeitos ambientais sobre as operações consiste em verificar o relacionamento dos efeitos do terreno, das condições meteorológicas e das considerações civis (BRASIL, 2022, p. 2-6).

De forma paralela, o Exército Francês, na aplicação de inteligência em Op Mil em ambiente de montanha; acredita na necessidade da divulgação das informações levantadas oportunamente. De acordo com seu Manual Doutrinário (FRANCE, 2010), a exploração das informações, que visa transformá-las em inteligência, permanece inalterada por este ambiente particular. Ainda, quanto à divulgação de informações, esta deve levar em consideração o impacto do alívio na transmissão oportuna de informações úteis para a manobra.

Assim como no Exército Francês, a capacidade dominada pelo Guia de Montanha quando do pleno domínio a atividade de operação de comunicações e envio de dados é imprescindível.

SITUAÇÃO OPERATIVA	ATIVIDADE	TAREFA
Operações Especiais	Mobilidade e Contramobilidade	- Infiltrar em terreno montanhoso e equipar vias para transposição de obstáculos rochosos, potencializando o poder de combate aos operadores especiais.
Planejamento e Condução	Planejar e conduzir operações	- Planejar e conduzir Operações Militares em ambiente operacional de montanha.
Consciência Situacional	Produzir continuado conhecimento em apoio ao planejamento da Força	- Reconhecimentos executados antes e durante as operações a fim de proporcionar a percepção sobre a situação da tropa amiga e dos oponentes, bem como do ambiente operacional montanhoso
Inteligência	Executar ações de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (IRVA)	- Realizar monitoramento de RIPI - Confeccionar Relatório de Reconhecimento em montanha
Sistemas de Comunicação	Operar as Comunicações e envio de dados	- Planejar, estabelecer e operar equipamentos via rádio e satelital com enlaces criptografados.
Digitalização do Espaço de Batalha	Produzir continuado conhecimento em apoio ao planejamento da Força	- Levantamento de faixa e áreas de terreno de montanha, complementando dados de cartas digitais, fotos, imagens satélites, calcos, itinerários e trajetos obtidos pelo GPS, coordenadas geográficas etc.
Apoio de Fogo	Conduzir Fogos	- Executar tarefas de Observador Avançado (OA) e de Guia Aéreo Avançado (GAA)

FIGURA 25- Situações operativas
Fonte: BRASIL (2022, p. 1-4)

A partir das respostas obtidas na Figura 14, comprova-se que o relatório de reconhecimento presta assessoramento eficaz para o estudo do oficial de inteligência no que tange aspectos quanto ao terreno, condições meteorológicas e considerações civis; para o planejamento do oficial de operações, que poderá apresentar linhas de ação claras e objetivas em consonância com a diretriz do comandante; e principalmente, para o comandante da OM de montanha, que terá em suas mãos as informações necessárias para melhor decidir ou assessorar o seu comando enquadrante. Essas proposições corroboram com as respostas dos participantes sobre a contribuição do relatório de reconhecimento para a tomada de decisão (Figura 15).

Ao realizar um estudo das considerações civis conforme previsto no Manual de Planejamento e Emprego da Inteligência Militar (BRASIL, 2016), levantando-se aspectos sobre a área de responsabilidade sob o ponto de vista humano; as estruturas da área de operações (A Op); as capacidades; as organizações ali

existentes; os aspectos que caracterizam a população; a situação de refugiados e deslocados, se for o caso; eventos recorrente da A Op; e demais considerações civis complementares; seriam o suficiente para atender a demanda colocada dentro do relatório de reconhecimento, e ainda tornaria o Pel Rec um vetor de inteligência capaz de realizar parte das atribuições orgânicas da seção de inteligência do batalhão.

Segunda colocação se refere à 3ª fase do PITCIC que é a avaliação da ameaça. Esta fase é bem esmiuçada também no Manual de Planejamento e Emprego da Inteligência Militar (BRASIL, 2016), onde perpassando pelas suas etapas pode-se trabalhar com banco de dados, antes de iniciar o reconhecimento, servindo assim para atualizar o Pel Rec quanto aos calcos doutrinários do inimigo, e posteriormente no reconhecimento em si, ser feito levantamentos como identificação de Alvos de Alto Valor (AAV) e Alvos Altamente Compensadores (AAC).

Contudo, a 2ª Etapa desta fase necessita de maior atenção por representar a análise dos fatores da ordem de batalha bem descritos pelo levantamento do dispositivo inimigo; sua composição; o valor da tropa encontrada na A Op; atividades importantes, recentes e atuais verificadas; assim como peculiaridades e deficiências (BRASIL, 2016), este último, sendo uma ratificação ou retificação do que já havia sido levantado no banco de dados anteriormente.

Como o relatório de reconhecimento em montanha se limita atualmente apenas a reconhecer os aspectos físicos da A Op, não existe um item para tratar da presença de inimigo na região, desta forma, esse item é parte integrante do relatório de patrulha convencional. Entretanto, o relatório de patrulha também trata de outros aspectos como atualização da carta topográfica, população na área e situação do terreno, conforme observado na Figura 26.

RELATÓRIO DE PATRULHA

Local e data

De _____
Comandante da patrulhaAo _____
Quem enviou a PaAnexos: (Cartas, fotos, croquis, calcos, Eqp, Doc, Armt capturado, etc)

1. Efetivo e composição
2. Missão
3. Hora de partida e regresso
4. Itn de ida - características, Obs, atuação do Ini
5. Itn regresso - idem
6. Terreno: características em toda a área de atuação (pontes, trilhas, habitações); tipo de terreno (seco, sujo, pantanoso, rochoso, permeável); capacidade de suportar Bld; ZL; ZPH; etc
7. Inimigo
 - Efetivo - valor
 - Situação no terreno - dispositivo
 - Medidas de segurança adotadas
 - Eqp, Armt, atitude e moral
 - Localização exata na quadricula onde ocorreu o fato, movimento, mudanças de dispositivo e a hora de cada fato observado
8. População da área - conduta em relação à Pa, ligações com o Ini, características
9. Correções e atualizações na carta
10. Ação no objetivo
11. Resultado do encontro com o inimigo - PG, baixa, Doc capturados
12. Condições atuais da patrulha (moral, Armt, Mun, Eqp)
13. Elementos essenciais de inteligência
14. Informações diversas
15. Conclusões e sugestões

* **Obs:** Após a chegada da Pa à base, o Cmt deverá fazer de imediato um relatório verbal ao Esc Supe, em seguida, providenciar o relatório por escrito.

Assinatura do comandante da patrulha

FIGURA 26- Aspectos tratados no relatório de patrulha
Fonte: BRASIL (2004, p. D-1)

Desta forma, o interessante seria que o Pel Rec Mth possuísse ambas as capacidades de relatar uma missão de reconhecimento. Onde quando fosse possível e necessário um estudo mais completo e aprofundado, fosse utilizado o relatório de reconhecimento em montanha, acrescentando-se os propostos anteriormente quanto às considerações civis e a avaliação da ameaça. E quando fosse mais uma missão de patrulha comum, utilizar-se-ia o relatório de patrulha convencional.

Contudo, deve-se levar em consideração, ainda, que qualquer produto que possa vir a ser gerado após uma patrulha deverá ser elaborado como um compêndio do levantado pelos militares envolvidos na mesma. Independentemente de qual grupo de reconhecimento ficará responsável por cada trecho do relatório, a importância da reunião pós-ação não pode nunca ser deixada de lado, uma vez que todos são vetores geradores de conhecimentos para a inteligência. Lição esta já aprendida em diversas situações de conflitos, como exemplificado por Jackson (2007, p. 42), o qual menciona que “Os britânicos confiavam plenamente nas reuniões para as críticas após a realização das patrulhas (*debriefing*), buscando coletar informações e montar o

quebra-cabeça do conflito com base nas informações obtidas pela inteligência”. O autor também cita uma passagem de David Barzilay em *O Exército Britânico no Ulster*, onde o mesmo escreveu: “Uma patrulha não pode nunca terminar na porta da entrada da base. Devemos pegar uma xícara de chá, um cigarro e ir para um ambiente relaxado, quando, então, a patrulha vai escrever cada aspecto de informação relevante para ser repassado à seção de inteligência da companhia”.

6 CONCLUSÃO

Em se tratando das questões de estudo e dos objetivos propostos no início deste trabalho, pode-se concluir que a presente pesquisa atendeu ao pretendido, ampliando a compreensão sobre o relatório de reconhecimento em montanha e as formas que o Pel Rec Mth pode contribuir para o assessoramento ao comando constituído neste ambiente operacional.

Após a análise da literatura e dos dados obtidos via questionário, conclui-se que a utilização do relatório de reconhecimento de montanha realizado fora de um conflito deflagrado aumentará significativamente as capacidades de detecção das ameaças no contexto de uma operação em transcurso, uma vez que durante, servirá apenas como uma ferramenta a ser atualizada. Levando-se isso em consideração o detalhamento de suas informações, no que tangem as características do terreno e das condições meteorológicas, sofrerão poucas modificações seja em situação de conflito ou não.

Quanto às condições meteorológicas e seus efeitos sobre o terreno, foi confirmada a necessidade de os relatórios dividirem-se em épocas do ano, para que essa sazonalidade possa refletir com maior precisão àquele terreno que a tropa irá encontrar, haja vista a grande diferença que pode ocorrer quando se opera em período chuvoso.

No que se refere às considerações civis, a importância de manter o banco de dados atualizado também extrapola o espaço temporal da operação militar propriamente dita, sendo interessante também que este fator se mantenha em constante atualização, uma vez que o terreno humano pode ser considerado como aquele mais fértil em um contexto operacional.

A avaliação da ameaça, apesar da sua grande importância, foi encarada como algo mais complexo de se manter, quando dentro de um conflito propriamente dito. Porém verificou-se a certeza de acrescentar essa análise quando falamos de relatório de reconhecimento, uma vez que a forma como será feita, muito mais próxima do assessoramento realizado pelo PITCIC, estará consonante com o grau de detalhe que um relatório dessa monta apresenta. Com isso, pode-se em uma fase posterior de estudo experimental, acrescentar, como proposto por participantes, um item que verse

sobre inferências feitas pelo guia de montanha, onde ele faria suas interpretações do que está vendo dentro do contexto da operação militar que está transcorrendo.

Com a finalidade de contribuir para a melhoria contínua do desenvolvimento das operações militares em ambiente operacional de montanha, sugere-se ainda uma análise mais aprofundada de pontos levantados por este trabalho, cuja discussão não se esgotou pelas próprias delimitações impostas à execução desta pesquisa. Destaca-se, ainda, a necessidade de incremento no relatório, assim como uma revisão do emprego do guia de montanha com vistas a confirmar ou refutar aquilo que por hora é previsto em literatura.

Por fim, pode-se concluir que o relatório de reconhecimento de montanha da forma que é feito atualmente tem condições de ser empregado satisfatoriamente para o objetivo de prestar um assessoramento eficaz no que ele se propõe por hora. Entretanto, com os acréscimos propostos, acredita-se que este documento venha a prestar um auxílio ainda maior, principalmente quando consideramos criar e manter um banco de dados separados sazonalmente com o intuito de manter constante atualização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Defesa. **Caderno de Instrução- PATRULHAS**. 1. ed., Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **EB70-CI-11.435. O Pelotão de Reconhecimento do Btl Inf L Mth**. 1. ed., Brasília, DF, 2020.

BRASIL. Estado- Maior do Exército. **EB20-MC-10.203- Manual de Campanha: Movimento e Manobra**. 1. ed., Brasília, DF, 2015.

_____. _____. **Manual de Campanha Operação C 7- 20 Batalhões de Infantaria**. 3. ed., Brasília, DF, 2003.

BRASIL. Exército Brasileiro. **Manual de Campanha EB70-MC-10.307- Planejamento e emprego da Inteligência Militar**. 1. ed., Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Exército Brasileiro. **Manual de Campanha EB70-MC-10.223 Operações**. 5. ed., Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Caderno de Instrução Emprego do Guia de Montanha EB70-CI-11.468**. 1. ed., Brasília, DF, 2022.

COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. **Research methods in education**. 7th ed. Routledge, 2013.

FARIA, P.F. Classificação de Montanha pela Altura. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, v. 6, n. 2, p. 21-26, 2005.

FRANCE. Ministere de La Defense. **Doctrine D'Emploi des Forces Terrestres en Zona Montagneuse**. França, 2010.

FRANCE. Ministere de La Defense. **Concept D'Emploi des Forces Terrestres en Montagne**. França, 2006.

JACKSON, Brian. A Inteligência contra os Insurretos em uma Guerra Prolongada. *Military Review*. **Revista Brasileira do Exército dos EUA**. Forte Leveanworth, Kansas, 2007.

KAPOS, V.; RHIND, J.; EDWARDS, M.; PRICE, M. F.; RAVILIOUS, C. Defining Mountain regions 2000. In: **UNEP-WCMC World Conservation Monitoring Centre, Mountain Watch: environmental change & sustainable development in mountains**. Cambridge, UK. 2002. Disponível em: <<https://digitallibrary.un.org/record/486067>>. Acesso em: 17 abr de 2022.

MALIK, M. A. Mountain Warfare– The Need for Specialized Training. **Small Wars Journal**, p. 94- 102, 2004. Disponível em: <<https://smallwarsjournal.com/documents/malik.pdf>> Acesso em 14 abr de 2022.

PESTANA, Marcello de Almeida Ribeiro. **Possibilidades e limitações do Pelotão de Reconhecimento de Montanha no Monitoramento de RIPI em apoio a uma brigada em operações defensivas**. 2019. 40 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO), Rio de Janeiro, RJ, 2019.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. Os Fundamentos da Geografia da Natureza. In: ROSS, Jurandyr Luciano Sanches (org). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp. p.13- 65, 1996.

SARTORI, P. L. P., & SARTORI, M. da G. B. Um Brasil de Montanhas. **Ciência e Natura**, v. 26, n. 2, p. 61–74, 2004.

STORTI, Dante Gauto. **O emprego do Batalhão Logístico Leve orgânico da Brigada de Infantaria Leve (Montanha) em Operações Ofensivas**. 2019. 49 p. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Militares, Escola de Comando e Estado-Maior, Rio de Janeiro, 2019.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO

Olá, sou o Cap Gusmão, aluno do CAO 2022.

Servi no 10º BIL Mth de 2017 até o de 2021.

Encaminho abaixo um questionário que tem por objetivo contribuir para a pesquisa de conclusão de curso do aperfeiçoamento em operações militares cujo tema é o Pel Rec Mth como elemento determinante no PITCIC, e gostaria de contar com a participação e ajuda dos senhores. O público-alvo da pesquisa são Guias de Montanha, Operadores Especiais e Precursores Paraquedistas que serviram em alguma OM de nossa Brigada de Montanha, ou que nas atividades de sua especialidade tenha utilizado relatório de reconhecimento em montanha. O questionário possui 12 questões no total, das quais 11 são questões objetivas.

Desde já agradeço a participação e estaremos à disposição aqui na EsAO no corrente ano.

IRG!

GM 354

1) Qual especialização militar voltada para o reconhecimento em ambiente operacional de montanha o senhor possui?

- Guia de Montanha
- Precursor Paraquedista
- Forças Especiais

2) Qual das seguintes funções o senhor já desempenhou?

- Cmt Pel Rec/Fração que realiza reconhecimento especializado
- Cmt Cia Fuz Mth
- Oficial de Inteligência
- Oficial de Operações
- Outro

3) Em missão real ou em adestramento, o Senhor já utilizou um relatório de reconhecimento em montanha executado por outra tropa?

- Sim
- Não

4) Os relatórios de reconhecimento em montanha que o senhor teve contato eram coerentes com o demandado na doutrina das operações em montanha?

- Discordo totalmente
- Discordo em partes
- Nem concordo e nem discordo
- Concordo em partes
- Concordo totalmente
- Não se aplica (caso o senhor nunca tenha tido contato com um relatório de reconhecimento em montanha)

5) O relatório utilizado estava completo com informações claras e atualizadas?

- Discordo totalmente
- Discordo em partes
- Nem concordo e nem discordo

- Concordo em partes
- Concordo totalmente

6) Houve atualizações a serem feitas que, caso não as fossem, poderiam prejudicar futuras operações?

- Discordo totalmente
- Discordo em partes
- Nem concordo e nem discordo
- Concordo em partes
- Concordo totalmente

7) O relatório de reconhecimento serviu, principalmente, para visualizar com antecedência o terreno que seria utilizado e quais os efeitos das condições meteorológicas sobre ele?

- Discordo totalmente
- Discordo em partes
- Nem concordo e nem discordo
- Concordo em partes
- Concordo totalmente

8) O planejamento de itinerário e tempo de deslocamento foi coerente com o executado, principalmente pela contribuição que o relatório teve?

- Discordo totalmente
- Discordo em partes
- Nem concordo e nem discordo
- Concordo em partes
- Concordo totalmente

9) Considerando que o PITCIC faz parte do exame de situação do comandante tática, e por esse motivo ele é deixado para ser desenvolvido apenas dentro de um contexto operacional; o senhor acredita que seria de maior ganho se este reconhecimento fosse feito em momentos fora de conflitos?

- Discordo totalmente
- Discordo em partes
- Nem concordo e nem discordo
- Concordo em partes
- Concordo totalmente

10) Nas funções exercidas, foi verificada pelo senhor a importância do relatório de reconhecimento em montanha para contribuir com o processo de integração terreno-condições meteorológicas- inimigo-considerações civis (PITCIC)?

- Discordo totalmente
- Discordo em partes
- Nem concordo e nem discordo
- Concordo em partes
- Concordo totalmente

11) O relatório de reconhecimento contribuiu de sobremaneira para o processo de tomada de decisão acerca da missão que o senhor desempenhava?

- Discordo totalmente

- Discordo em partes
- Nem concordo e nem discordo
- Concordo em partes
- Concordo totalmente

12) De que forma o senhor acredita que o relatório poderia contribuir mais para o PITCIC e quais elementos deveriam ser acrescentados com este fim?